

# RAÍZES



Valdon Varjão





# ACADEMIA DE LETRAS, CULTURA E ARTES DO CENTRO-OESTE

## COMPARTILHANDO CONHECIMENTOS

### Gestão

**Presidente:** Antão Divino Arbués Nery

**Vice-Presidente:** Eliel Ferreira da Silva

**Oradora:** Malba Tânia A. Varjão

**Tesoureiro:** Herculano da Silva Melo

**1 Secretário:** José Carlos F. Cardoso

**2 Secretário:** Adalberto A. Matos

#### **Bibliotecários:**

Ana Alves Silva, João Luiz do Couto e Nina Tereza Dolzan

#### **Conselheiros:**

Dionísio C. Oliveira, Marinalva M. Souza e Kleide C. Lima

*facebook.com/academia.lca.centrooeste*

*academialcacentrooeste.blogspot.com*

*Youtube: Academia LCA Centro-Oeste*

*academiacentrooeste@gmail.com*

*Rua Simeão Arraya, 350 - bairro Cidade Velha, Barra do Garças/MT. CEP: 78.601-250*

**Edição:** Kuya Comunicação

Digitação: Mayara Campos

Revisão: Marinaldo Custódio

Projeto Gráfico: Brás Rubson



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



# Valdon Varjão



# RAÍZES

*Barra do Garças, MT, 2021*

**Kuya**  
comunicação

# Sumário

<i>Comentário — Valeriano C. Silva .....</i>	<i>5</i>
<i>Comentário — Escritor W. Bariani Ortêncio .....</i>	<i>7</i>
<i>Apresentação .....</i>	<i>12</i>

## **PRIMEIRA PARTE**

<i>Raízes — 1º Ato .....</i>	<i>14</i>
------------------------------	-----------

## **SEGUNDA PARTE**

<i>Vida de Garimpo — 2º Ato .....</i>	<i>24</i>
---------------------------------------	-----------

## **TERCEIRA PARTE**

<i>Raízes da Raça Negra .....</i>	<i>40</i>
-----------------------------------	-----------

## **QUARTA PARTE**

<i>Quarta Parte — Estórias do Folclore .....</i>	<i>54</i>
<i>As Galinhas Astronautas — Estórias .....</i>	<i>55</i>
<i>O papagaio que rezava em latim .....</i>	<i>63</i>
<i>Germiniano e Luciana .....</i>	<i>69</i>
<i>Bastião, o Garimpeiro .....</i>	<i>84</i>
<i>Cego Marculino — Conto .....</i>	<i>89</i>

## **QUINTA PARTE**

<i>Poemas e Versos — Minha Vida Meninil — em Balisa .....</i>	<i>95</i>
<i>Recordando Peraltagem Meninil .....</i>	<i>98</i>
<i>Meu Vale dos Sonhos no Vale dos Sonhos .....</i>	<i>102</i>
<i>Rio que decanta Numa Cidade Que Encanta .....</i>	<i>105</i>

# Comentário

*Valeriano de Castro e Silva*

O autor VALDON VARJÃO nasceu em 15 de dezembro de 1923 em Cariús (CE). Ainda quando era criança, seus pais mudaram para Mato Grosso à procura de garimpos.

Sua infância, cheia de peripécias da mais extrema pobreza, é confessada na narração de suas poesias; dos 4 aos 16 anos moraram na cidade de Baliza (GO), que na época era o eldorado da região garimpeira. Chegou ali em 5 de fevereiro de 1928 e transferiu-se para Barra do Garças em junho de 1939.

Em Barra do Garças se transformou em homem público, encontrando na carreira política a rota de sua vida: vereador, prefeito por alguns mandatos, deputado estadual, federal e senador foram os degraus alcançados na vida pública.

No Senado iniciou os ensaios literários.

## **OBRAS JÁ PUBLICADAS:**

- *Como e por que Trabalham os Pedreiros Livres*
- *Avante Filhos da Viúva (Maçonaria)*
- *Barra do Garças no Passado (Histórico)*
- *Negro Sim, Escravo Não (Conferência)*
- *Viagem a Israel (Discurso)*
- *Quando Estive Senador (Coletânea)*
- *Balisa: Etéreas Reminiscências (Histórico)*

- *Torixoréu, Cidade Brilhante (Histórico)*
- *Barra do Garças, Migalhas de sua História (Histórico)*
- *Garimpeiros: Visionários da Esperança (Histórico)*
- *Amor com Amor se Paga (Romance)*

Com esta publicação RAÍZES, ele presta à região um valioso trabalho divulgador de elementos históricos, com estilo simples e linguagem usada nos garimpos.

***Valeriano de Castro e Silva*** - Cadeira 14  
Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste

# COMENTÁRIO DO ESCRITOR

## WALDOMIRO W. BARIANI ORTÊNCIO

*Tesoureiro da Academia Goiana de Letras, sobre o Livro GARIMPEIROS: VISIONÁRIOS DA ESPERANÇA, publicado por Valdon Varjão*

Diz o velho Aurélio, no seu Dicionário, que mecenas é “o protetor de artistas e homens de letras. Patrocinador generoso, protetor das letras, ciências e artes, ou dos artistas e sábios”. Há tão poucos mecenas que muita gente até escreve com dois esses. Eu quero falar aqui é do mecenas Valdon Varjão, que é mecenas e escritor. Tem bons livros publicados, livros de raízes, de estórias e histórias, literalmente bem-cuidados. São da sua lavra: *Barra do Garças no Passado*, *Torixoréu: Cidade Brilhante*, *Balisa: Etéreas Reminiscências*, *Barra do Garças: Migalhas de sua História*, *Raízes*, *Garimpeiros: Visionários da Esperança*. Há vários outros, mas sobre política. Valdon Varjão se tornou escritor e mecenas, mas depois de muitas conquistas, muitas glórias, riqueza adquirida por ele próprio. De garimpeiro aventureiro passou a prefeito, deputado, senador e secretário de Estado. Fui lá na Barra do Garças onde impera este homem forte, negrão aprumado, bonachão e dono de cartório. Fundou a Academia de Letras, Artes e Cultura do Centro-Oeste, ocupada por mato-grossenses e goianos. Foi uma grande festa. V. Varjão é proprietário de um hotel na cidade, mas fez questão de nos hospedar no principal. Tudo funciona às suas expensas e está construindo o prédio que será a sede da Academia. Ele está certo. É assim mesmo que se faz: quem pode, gosta e sabe como

deve fazer. É um exemplo para ser seguido, imitado. Não sei por que gosto tanto desse nome mecenas, talvez seja por admirar Messegenas (que me soa mecenas), a vila onde nasceu José de Alencar, lá no seu Ceará. Não vou dizer sobre os seus livros anteriores, agora, mas do Garimpeiros: *Visionários da Esperança*. É um livro forte, bruto, louco, que, resumindo, é o retrato do garimpo mato-grossense/goiano, de corpo inteiro. Somente a mitologia grega para se comparar com os garimpeiros brasileiros. Ele é mito, é místico... é o diabo! Atrai o homem vigoroso e sepulta o bagaço. Ilude e desencanta. Tem canto de sereia, encantos de ninfas. Prende e não solta. Atrai como o jogo, vicia como as drogas. Garimpo e garimpeiro, como casamento antigo, só a morte os separa. Raros saem com os picuás repletos e bolsos cheios. É o símbolo da esperança, essa ilusória cor verde, como também a natureza é verde e o homem se integra a ela e passa a crer mais em Deus. Ninguém vai para o garimpo sem esperança. E quem são os garimpeiros? São obstinados largadores de família, da Bahia, do Ceará, Paraíba, Pernambuco, de todos os lados do Brasil, principalmente do Norte e Nordeste, homens decididos, trocando a miséria de um local pela de outro, mas com ilusão, enfrentando todos os percalços e sofrendo toda espécie de intempéries, de impropérios, de extrema miséria, falta de saúde e de provisões de boca. Sobra humilhação, mas com o coração fervoroso, crente num possível bamburro. É um mito fantástico e misterioso. Eu, se não tivesse arrumado a minha vida, ainda cedo, seria um garimpeiro. Ah, não tinha nem conversa! Pois é no excelente livro de Valdon Varjão: *Garimpeiros: Visionários da Esperança* que o mundo do garimpo se reflete. Bastaria para dignificá-lo o seu glossário: palavreado usado pelos garimpeiros – no livro, são 314 verbetes explicados – a exemplo de *assustado* (baile improvisado) e *brugalhau* (pedras pequenas misturadas no cascalho).

O livro é um tratado desta semiprofissão, o garimpo, na qual os

garimpeiros, os visionários são heróis anônimos. Ali tudo fica certo, resignado, contemplativo, todos mais confiantes em Deus e nos seus santos regionais, que são muitos. Ninguém rouba ninguém e somente se briga e se mata pelo efeito da cachaça e na disputa das sipuínas (raparigas). Quando pega uma pedra de relativo valor, fazendo um meio bamburro, tem que comemorar. E comemoração de garimpeiro é com bebidas e raparigagem. Aí ele forra o chão com notas de 500 e põe a mulherada para dançar em cima. Acabada a farra, o dinheiro também já se foi. E volta ele, febril de esperanças para a lavra, arrancar e lavar cascalhos, os olhos pregados no fundo da bateia. A riqueza é o sono eterno. Bamburrar de verdade e voltar pra terra, para a família (se ainda existir).

Seguro, o autor relata o início dos principais garimpos da região: Barra Cuiabana (Barra do Garças), Barra Goiana (Aragarças), Poxoréu, Baliza, Torixoréu, o antigo Lajeado (hoje Guiratinga), Tesouro, Gatinho, Nortelândia, Marilândia, Arenápolis e outros, com os seus capangueiros famosos e garimpeiros valentes, como o João Galo que matou muitos delegados, pôs destacamentos para correr, ganhou política contra o PSD na base dos seus 38 carregados de balas amarelas e que depois se retirou para a Bahia, sua terra, com 90 mil contos no alforje ganhados na intimidação e na afronta aos políticos da UDN. Passa pelos homens fortes, capangueiros e fazendeiros como José Antônio dos Santos, fazendeirão chefe de clã ilustre, de homens e mulheres decididos, saindo daí prefeitos e até governador de Estado. Mas quem lê na placa de Barra do Garças: Rua José Antonio dos Santos, não sabe quem é, quem foi, mas se falar que é Zeca Tontinho, aí a história muda de figura.

Vultos com José Antonio Souza, um baiano que trabalhava na Grota e descobriu o garimpo Jacuba, onde pegou a "Princesa do Araguaia", com 71 quilates. Francisco Pacheco Santos (Chico Paraná) trabalha

desde 1928 no garimpo. Muito embora tenha perdido a perna (no garimpo), ainda garimpa. Disse ele: “Tenho sorte. Posso dizer que já ganhei na loteria. Uma vez achei uma pedra de 99 quilates que vendi por 80 contos de réis. Outra vez achei uma de 15 quilates, que vendi por seis contos”.

(Publicado no Jornal “O Popular” 12/12/87)

# MINHA GRATIDÃO



Este livreto foi composto graças ao insano trabalho dos irmãos Rezende, Hermes e Pedro, proprietários da Editora 31 de Março, que com apreço, esmero e competência, enfrentando todas as dificuldades numa região carente, o compuseram tipograficamente para que agora o levemos ao público leitor.

Creditamos a eles o êxito da publicação, vez que, desprovidos de componentes técnicos, me animaram à efetivação com o que se diz "PRATA DA CASA".

# APRESENTAÇÃO

Disse um sábio pensador:

*“Infeliz do povo que não tem história,  
que não conhece suas raízes,  
que não revive suas tradições.”*

Amar esta região, berço de nascimento dos meus filhos, tem se tornado uma constante da minha vida. Por este amor tenho me guiado e alimentado o ideal de perenizar certas tradições, levando a efeito publicações que divulgam os fatos aqui vividos; muitos deles, constituidores do nosso folclore, pedaços de nossa história.

Esse fator me levou, ao lado dos professores do DREC: Natalie Flores Marcolan, Irmã Odília, prof. Luiz Paulo, Ivan Mariano, Maria Claudino da Silva, Maria das Graças Nascimento, a participar de um movimento para levar a efeito pela segunda vez a encenação da Festa Raízes, na qual relembrássemos o folclore, na demonstração das danças, crendices, folguedos, festas, costumes da cultura do nosso povo; deles, alguns já se apagando da memória pela ação da poeira do tempo, eliminadora ao lado da chamada “Marcha do Progresso”.

Com a graça do Sumo Regente, autor da natureza, e a participação espontânea de todos os barra-garcenses, conseguimos levar um arremedo das festas populares importadas de todos os quadrantes deste Brasil imenso, aqui integradas neste pedaço do Centro-Oeste confraternizando-nos com solidariedade e vivendo sob este céu de

azul-turquesa na mais perfeita harmonia.

Foi a festa uma das mais badaladas dos últimos tempos. Por esse motivo compilamos e transcrevemos, nesse opúsculo, lances da festa, com a intenção de perenizar por mais tempo na lembrança de nossa gente, imortalizando velhos costumes.

Encarecemos escusas pelo que esta publicação não tenha conseguido  
RETRATAR.

**VALDON VARJÃO**

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

# PRIMEIRA PARTE

## RAÍZES (peça teatral)

*“BARRA DO GARÇAS, SEU PASSADO,  
SEU PRESENTE”*

**Cenário:** único

**Fundos:** tela reproduzindo a antiga Barra Cuiabana (década de 1930)

**Lado direito:** tela reproduzindo a chegada dos expedicionários (década de 1940)

**Lado esquerdo:** tela reproduzindo a agricultura moderna com tratores, lavouras etc. (década de 1970)

**Início:** abre o pano do palco

### 1º Ato

Uma faixa com a inscrição: “FASE CONTEMPORÂNEA” – Presença da migração gaúcha (1972-1988)

PERSONAGEM:

GAÚCHO: Muito buenas noites, pessoal!... (pausa)

– Barbaridade, tchê!... Saímos do Sul, mas parece que o minuano nos acompanhou. Que frio danado está por acá, tchê!... É como diz aquele

velho ditado: “A maior pressa é a que se faz devagar...”. Outros dizem: “Se tens viajada larga, não faças pular teu cavalo. Sai de tranco até o primeiro suor secar; depois de trote até o segundo, dá-lhe um alce até o terceiro; terás cavalo para o dia inteiro”.

E o Gaúcho continua VERSEJANDO:

*“Eu venho do Sul  
Corrido de várias guerras,  
Cheguei a Barra do Garças  
Buenaço de gente...  
Buenaça de terra...”*

Lindaça cidade, não é tchê?... Refestelada de chinocas pacholas. Aliás, é bem bom que se diga, e não se faça segredo, que o progresso destas bandas fomos nós gaúchos que fizemos, sem medo. Na belezura deste município, desenvolvemos a agricultura no cerrado; e com o “know-how” trazido das estâncias sulinas, nas safras de 80-81, fizemos dele a maior produção de arroz de sequeiro do Brasil. Exportamos milhões de sacas para o mundo inteiro. Com tamanha produção e desenvolvimento rápido, belas cidades nasceram no contexto do município pioneiro: Canarana, Água Boa, Xavantina, Garapu, Cascalheira e Vila Rica. E entre tantos núcleos e fazendas, citamos também Tabaju.

Vou falar dos primeiros gaúchos que para acá bandearam: Compadre Alfredo Tonetto, que iniciou plantio de arroz nas vargens, não se deu bem porque não corrigiu o solo. Compadre Omar Borges, propagandista entusiasmado desta terra muito amada, fez muita propaganda no Sul; para acá se bandeou com esposa e piaçitos ainda pequenitos. Porém de maior realce tenho para falar do fundador das cooperativas, planejador de colonizações, executor de loteamentos abrindo créditos em bancos, o inolvidável destemido ‘sinuelo’ Norberto Schwantes. Trouxe a primeira leva de gaúchos de Tenente

Portela, abrindo-lhes crédito para financiar seus trabalhos desde máquinas até o custeio quando a praga devoradora da correção monetária não afetava o produtor.

Por essas e outras razões, digo sempre em alta voz: estes estímulos que trouxeram a gauchada para as terras de Mato Grosso fizeram com que Barra do Garças experimentasse essa explosão de progresso e fosse a mais beneficiada.

Nós, gaúchos, fizemos a Barra do Garças.

Nós, gaúchos, estamos fazendo Mato Grosso.

## 2º Ato

### 3ª Fase

Uma faixa com a inscrição: "FASE DAS AGROPECUÁRIAS E INCENTIVOS DA SUDAM" (1964-1972)

Entra em cena um paulista.

PAULISTA: Olha, pessoal... Que papo-furado desses gaúchos! São todos papudos de fazer dó, por isso é que usam lenços no pescoço para esconderem o gogó... Saibam todos os barra-garcenses: quem iniciou o progresso e fez muito por Barra do Garças fomos nós paulistas, bandeirantes dos sertões. Aqui, o preço das terras, com a febre do diamante, atraiu e estimulou nossos corações.

– Município gigante, talvez o maior do mundo naquela época, duzentos e doze mil quilômetros quadrados de boas terras, seus

limites alcançavam do Rio Araguaia ao Xingu, do Rio Garças ao Estado do Pará. Terras vendidas a preço de banana, um mil-réis o hectare. Qualquer um podia comprar. Tempos saudosos, meus amigos, um mil-réis, em valor monetário equivalia a um caramelo, uma xícara de café ou uma caixa de fósforos. Assentamos grandes fazendas com incentivos da Sudam, desenvolvemos centenas de projetos, vem daí a Suiá-Missú com a ação do Grupo Ometo e de Ariosto da Riva. Presença de Silvio Santos, do David Nasser nas fazendas Tamakavi e Bela Manhã, Guanabara e Bonança, Fazenda do Banco Safra; da Rádio Globo e Duas Âncoras, Taquaral, Santa Sílvia, e, entre tantas mil, destacamos a Fazenda Brasil. Construimos pontes e estradas, campos de pouso e escolas, rádios de comunicação. Ligamos a Capital das Agropecuárias ao resto de toda a Nação. Fomos nós, os paulistas, com ação também de alguns picaretas em vendas de terras, que, com orgulho e raça, acionamos o progresso de nossa Barra do Garças.

– Foi ou não foi, pessoal?... Barra do Garças deve ou não deve aos paulistas?!

## **3º Ato**

### **2ª Fase**

Cai uma faixa com a inscrição:

**EXPEDIÇÃO RONCADOR-XINGU - FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL (1943 a 1967)**

Entra em cena uma turma de expedicionários com trajes escritos:  
**F.B.C. (EXPEDIÇÃO RONCADOR-XINGU) – MARCHA PARA O OESTE**

Narrador fala por “Ministro João Alberto”

MINISTRO: Veja, pessoal: que papudos esses gaúchos! Que gabolas esses paulistas!... Todos sabem que o Brasil Central foi embalado pelo presidente Vargas no movimento chamado Marcha para o Oeste.

– Estávamos em plena guerra contra os alemães e os navios da Marinha Mercante estavam sendo torpedeados pelos submarinos do Eixo Alemanha-Itália. A comunicação entre Sul com o Norte e Nordeste só era feita pela costa e estava prejudicada pelos movimentos da guerra. O presidente viu a necessidade de fazer a ligação Norte-Sul pelo centro do país, abrindo uma estrada pioneira até Santarém.

Foi então criado o Ministério da Mobilização Econômica e sob sua orientação organizou-se a Expedição Roncador-Xingu, entregue ao coronel Flaviano de Matos Vanique, aos irmãos Villas-Bôas, para abrir uma picada de Barra do Garças ao Porto de Santarém, e nesse percurso fossem fundados núcleos pioneiros populacionais de sustentação. O presidente constatou que só uma expedição era insuficiente e a transformou em Fundação: a saudosa Fundação Brasil Central. Esta Fundação, a cargo do ministério que eu ocupava na época.

Iniciamos a construção de serrarias, olarias, hospitais, escolas, campos de aviação, as pontes sobre os rios Garças e Araguaia, e outras. Foi criada uma extraordinária gama de empregos, afluíram grandes contingentes humanos e o progresso se instalou. Barra do Garças, por ter um grande território a ser percorrido pela Fundação Brasil Central e pela Expedição, foi o município do Centro-Oeste que mais se beneficiou.

Dessa forma, digo:

Não devem os gaúchos nem os paulistas se vangloriar, pois quando aqui chegaram já encontraram uma estrutura de desenvolvimento feita pela Fundação Brasil Central; já encontraram nossas estradas e

nossos rastros...

Barra do Garças deve seu progresso à Fundação Brasil Central. “A Marcha para o Oeste”.

## Último Ato

### 1ª FASE

#### FASE DOS GARIMPOS

Cai uma faixa com a inscrição: “FASE PIONEIRA – 1924 a 1943”

Entra em cena uma turma de garimpeiros trajando gongós e portando instrumentos típicos de garimpagem.

Narrador fala como fundador Antônio Cristino Côrtes

FUNDADOR:

Não briguem, gaúchos!...

Não briguem, paulistas!...

Não briguem, expedicionários!...

Calma, pessoal!...

– Barra do Garças ainda não está terminada. É um monumento em construção. Todos nós – principalmente gaúchos, paulistas, expedicionários, comércio, indústria – demos a nossa contribuição; entretanto, ela ainda não está terminada, muito tem a ser feito. Precisamos de união, de paz, de boa vontade, de ação e do bafejo dos governantes.

Para historiar, conto a vocês o que foi a presença de visionários garimpeiros, hoje muitos anônimos, a maioria oriunda da Bahia, do

Maranhão, nordestinos empedernidos trazendo no sangue a saga de aventureiros.

Sob minha orientação e do compadre Francisco Dourado, aqui aportamos dando o início fecundo a esta cidade, nossa querida Barra do Garças.

Foi no dia 13 de junho de 1924 que aqui aportamos para desenvolvermos uma exploração de garimpos; tencionávamos ir para o Garças. Fomos hóspedes na única vivenda do lugar, a casa do velho José Pedro e seu filho Vicente. Viviam aqui a hospedar os viandantes que trafegavam o rio. Sua casa era o ponto de pousada. Fabricavam engenhos de cana e carros de boi para os fazendeiros da beira do rio.

Naquela noite, o velho José Pedro, sabedor de nossas intenções em garimpagem de diamantes, nos contou uma história fantástica de um litro de diamantes que fora enterrado nas proximidades da “Pedra S.S. Arraya”, onde encontrava como baliza para orientação do local em que foi enterrado o tesouro. Disse-nos ele que aquela garrafa fora inventariada e quais os possíveis herdeiros, mesmo sendo um tesouro ainda oculto.

No dia seguinte, fomos até o local; encontramos muito cascalho no barranco do rio. Foi a descoberta de uma grande mancha de diamantes.

A notícia alvissareira correu por toda a zona garimpeira. Em poucos dias já se encontravam centenas de barracos e milhares de garimpeiros em burburinho muito grande e uma nova corrutela. Vimos que surgiria uma cidade. Com os pioneiros presentes, fizemos um picadão para assentar esta rua que se chamou Rua do Comércio, e hoje tem o meu nome: Rua Antônio Cristino Côrtes.

Aqui iniciamos o alicerce dessa Barra do Garças.

Portanto, somos todos nós os participantes e os que ainda virão

participar, somos todos benfeitores desta terra. Ao lado de nossa luta tivemos grande participação efetiva dos governantes federais, estaduais que por aqui têm sido eleitos e de todos os prefeitos desde Antonio Bilego, ao atual Dr. Carolino Gomes dos Santos. Foi esta terra que adotamos como nossa e a defendemos com orgulho e fé; ela nos serviu de berço ao nascimento dos nossos filhos, e abriga os restos mortais de muitos dos nossos entes queridos membros de nossa família.

Vamos, cada vez mais, dar nosso trabalho com amor.

Vamos, cada vez mais, nos unirmos para cantar os louvores que ela merece, nesta festa em que comemoramos suas RAÍZES.

FINALIZANDO: Todos de mãos dadas recitam:

#### “POEMA NOSSA CIDADE”

*Sob uma auréola de mil palmeiras  
Que outrora existiu sem iguais  
Vimos nascer uma cidade jubilosa  
Entre festas, alegrias e madrigais.*

*Como era linda, formosa e tão bela  
Recanto florido de meus ancestrais  
Numa vida de rosa e singela  
Quimera que os tempos não trazem mais.*

*Na amplidão dos nossos cerrados  
Nasciam catas, lavouras e arrozais  
Visionárias esperanças de um povo  
Que queria progredir, nada mais...*

*Quem nos dera reviver aquela vida  
Quem nos dera reviver as esperanças  
Quem nos dera retornar aqueles dias  
Da cidade onde fomos crianças.*

Autor: Valdon Varjão, presidente da Academia de Letras Cultura e Artes do Centro-Oeste;

Recitado pela prof.<sup>a</sup> Julieta Wernh

Peça apresentada por:

Antonio Costa - Gaúcho

Irmã Odília - Paulista

Nilmar Aquino - Ministro João Alberto

Estudante - Antônio Cristino Côrtes

Prof.<sup>a</sup> Julieta Wernh

Orientação: Profa. Natalice Flores Marcolan

# SEGUNDA PARTE

## Exibição da peça teatral encenada na Festa Raízes (1988)

### *A MARCHA DO PROGRESSO TEM ACABADO COM AS TRADIÇÕES*

#### **Promoção:**

Delegacia de Ensino (DREC) de Barra do Garças, Academia de Letras do Centro-Oeste e Prefeitura Municipal

#### **Idealizadores, Coordenadores e Promotores:**

Prof. Luiz Paulo, Delegado DREC

Valdon Varjão, Presidente da Academia de Letras

Profa. Natalice Rego Marcolan

Prof. Martemes Carvalho Rosa

Profa. Maria Claudina

Profa. Maria das Graças Nascimento

Profa. Maria Auxiliadora

# VIDA DE GARIMPO

**Autoras:**  
**Profa. Maria Claudino**  
**Profa. Ivan Mariano**

## *LINGUAJAR REGIONAL*

### PERSONAGENS:

Dois homens: Chico e Pedro (Tonhá e Nilmar Aquino)

Uma mulher: Maria (Profa. Maria Auxiliadora)

Cinco crianças

### **1º Ato**

**CENÁRIO:** Sala de uma casa de garimpeiro com utensílios usados na época: 1 lamparina, 1 carumbé, 1 bateia, 1 picareta, 1 pá, 1 trempe, 1 pote, 1 porta-copo, 1 mesa com quatro cadeiras, 1 banco, 1 torradeira, 1 moinho, 1 tacho, 1 enxada, 1 bule etc.

A mulher vai chegando com uma trouxa de roupa na cabeça e começa a torrar o café. O homem encontra-se sentado cortando fumo e as crianças, brincando com vaquinhas de osso e boneca de pano.

**MARIA:** Vige Maria. Tô cansada de tanto lidar. Já fiz tanta coisa... Fui na fonte, alimpei a casa, enchi os potes, varri o terreiro, dei milho pras galinhas... Só farta mesmo torrará o café. Esse eu deixo pro derradeiro, porque depois não posso mexê com água.

**CHICO:** (Fazendo um cigarro) Pro mode, Maria?

**MARIA:** Ora, home, tu não sabe que a gente estupora se mexe com água depois de torrará café?

**CHICO:** Ocê me desculpe, muié. Eu tinha me esquecido. (Ouvem-se palmas lá fora):

**PEDRO:** Ô de casa!...

**CHICO:** Ô de fora! Vai entrando compadre. Vai tomando assento.

**PEDRO:** Adeus, como é que vai compadre?

**CHICO:** Vou indo como Deus é servido. Anda, meninos, tomem a bença do compadre.

**CRIANÇA:** Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo. A bença, padrinho.

**PEDRO:** Deus te crie para o bem, meu filho. (Senta no banco).

**MARIA:** Chegô na hora, compadre. Acabei de torrará o café e já vô passá um pra nós, mode ocêis fazê uma boca de pito.

**PEDRO:** Cuma vai de garimpo, compadre?

**CHICO:** Ah! Compadre! O diacho do azar me pegô. Ô cubu desgraçado! Num é que meu cascalho queimô todo!... Não peguei nem um avuão chibiu. Eu tó até querendo aventurar a sorte no Monchão da Aroeira. Tão falando que lá tem uma mancha de diamantes e muita gente já bamburrô. O Zélis, o velho, o Jorge, o Sinhozinho, o Petrolina, todos já bamburraram. Tem diamante até nas moelas das galinhas. Cumpadre,

eu também vô lá tirá uma faisquêra. (Ouvem-se dois fogos).

**MARIA:** Óia, home! Escuitô? A Ana discansô. E é menina. E é menina muié.

**CHICO:** Marica, eu escutei foi três, num foi não? Eu acho que é menino home.

**MARIA:** Tá surdo, home? Ora veja. Foi dois, eu tenho a certeza. É muié mesmo. Eu vô é lá bebê o mijo (Quinado Elefante)<sup>1</sup> .

**CHICO:** E o café. muié? Tá parecendo o café do Binício.

**MARIA:** Não se aperreie, home. Já vô indo. Que pressa! (Serve o café).

**PEDRO:** Só quero uma boca de pito. A prosa tá boa, mais eu já vou indo. Até outro dia.

**CHICO:** Se Deus quisé. Lembranças à famia. (O compadre sai).

**MARIA:** V'ambora home. Vamo lá visitá. A comadre Ana que pariu, aliás, foi um parto difícil, a parteira, Vó Gabriela Miranda, enfrentou muita dificuldade, dizem que a criança estava atravessada dois dias, foi preciso o pai fazer muita força, com a "simpatia" de sair montado numa mão de pilão rodeando a casa por muitas vezes, para ver o despacho do parto. (Saem os dois).

(Nesse momento é apresentada uma brincadeira pelas crianças)

**CRIANÇAS:** Vamo, meninos. Vamo aproveitá que o papai e a mamãe saiu. Vamo brincar de "Seu Ratinho" (brincam). Seu Ratinho, que horas são? (Todos): Uma hora, duas horas, três horas etc.

---

<sup>1</sup>Quinado Elefante: vinho que se costumava oferecer às parturientes, principalmente nas áreas rurais, para "fortificá-las" após darem à luz, costume que perdurou pelo menos até a década de 1970 [o tempo do Brasil Rural].

## 2º Ato

Na mesma casa, o mesmo cenário.

**PERSONAGENS:** Chico, Dona Maria, filha (esta, já crescida).

**FILHA:** (lavando vasilha e cantando)

*Ai, ai, ai...*

*Eu já quero me casar*

*As meninas tão dizendo*

*Que meu bem tá pra chegar.*

*Em cima daquela serra*

*Tem dois pilãozinho de vidro*

*Um bate, outro responde*

*Meu benzinho casa comigo.*

*A folha de bananeira*

*de tão verde, amarelou*

*O beijo que tu me deste*

*de tão doce, açucarou.*

**CHICO:** Marica! Vem vê o que essa menina tá cantando. Só falando de amô, casá e beijo. Tu tome tenência, Rosinha!

**MARIA:** Tá parecendo castigo! Chico! Vamo pôr essa menina pra fazê penitência. O mundo tá virado mesmo. Por isso que não quer chovê mais. Vai menina, pega as latas, vai na Voadeira pegar água pra molhar o pé do cruzeiro. Deixa o chinelo. Vai descalço. (A menina sai).

**CHICO:** Sabe, muié: isturdia eu tava sentado na porta do Bar Para Todos e escutei a Rosinha oferecendo no alto-falante do Fleury uma música de amor, com muito carinho para a letra S. Óia lá, já tá falando,

escuita os anúncios. (A mulher senta, vai fazer renda e o marido senta ao lado amolando um facão. Nesse momento, faz-se a parte dos anúncios do Fleury).

(Fleury era vereador e o proprietário do primeiro serviço de som ele mesmo locutor, fazia anúncios até hoje lembrados pela forma pitoresca).

## 3º Ato

**CENÁRIO:** (Uma parte do palco é a casa da família. O pai e a mãe estão conversando e entra um menino gritando):

**FILHO:** Mãe, pai... Me acode, mãe! As almas penadas saíram do cemitério e tão vindo pra cá. (Ouvem-se cantos e rezas).

(Entram as almas cobertas em lençol branco).

**MARIA:** Ora, menino! Mais respeito com as coisas de Deus! Estamos na Semana Santa, é a alimentação das almas. Anda, Chico, alevante!

**FILHO:** (puxando a mãe) Uai, mãe, as almas come?

**MARIA:** Tome temência com as almas do outro mundo, menino! Elas alimentam o espírito com reza. Vamo, Chico, pega dois lençol, vamo acompanhá. (As almas sobem e se apresentam no palco). Estas almas dos nossos antepassados, que ainda vivem na nossa memória: Compadre Antonio Cristino Basilio e Antonio Dourado, José Pedro, Germano Bezerra, Adonias Rocha, Chico Lira e Conrado Lira, Simão Maciel, João Gomes de Castro, Domingos Mariano, Zacarias Aguiar, Mariano Neres, Maria Pequena, Anízio e Vitório Pereira da Silva, Mateus e Maria do Mateus, Benedito Santana, Benício, Carvão de Pedra, Claro Magalhães, Arcenio Portela, Cirila Costa, José Valeriano

Costa, Guardiato Mendes de Souza e Maria Fraga, Joaquim Mendes de Souza, Isaías da Brasilina, Antonio Lopes Rios, Salú José de Souza, Tarcília Miranda, Davi Monteiro, José Jerônimo, Honorato, Edmundo Oliveira, Eudócia Oliveira, João Rocha, Zélis Guimarães, Luis Carlos de Medeiros, Aquiles Toledo, Zezeca dos Santos, Antonio Firmino, Antonio Moraes, Margarida Barros, Manoel Camerino, Dona Vita, Aniceto, Clóvis José Marques, Firmino Costa, Manoel da Luz, Raimundo Nenê, Laudelino Gomes, Egídio Carvalho, Izaias Guirra, Francisco Luiz Esteves, Félix Costa, Nilo Costa, Raimundo Ribeiro Melo, Antonio Pernambuco, Cândido Queiroz, Plácido Rocha, Maria Salomé, Eliziário Farias e outras tantas almas pioneiras que nesta hora não recordo os nomes.

(Todos rezam três Padres-Nossos, Ave-Maria, Oração das Almas Penadas, um Canto da Excelência).



**Folia de Reis**

# Flashes dos festejos



**Pastorinhas** (dança popular folclórica - mês de dezembro)



**BUMBA-MEU-BOI** - apresentação do folclore do Maranhão



**Dança de Quadrilha** – Festa Junina – São João

## 4º Ato

**CENÁRIO:** Quinta de Judas. Numa quinta com bananeira, pés de cana, mandioca, galinhas, cachorro amarrado e um Judas amarrado.

Faz o papel de testamenteiro (lendo o testamento) do Judas a ser estraçalhado pela gurizada:

**NOTA:** “Estes testamentos às vezes criavam desavenças porque as comunidades eram chacoteadas; muitas pessoas não aceitavam”.

### O TESTAMENTO DO JUDAS

*EU sou Judas Iscariotes  
O traidor de Jesus  
Do meu Mestre Rei dos Mestres  
De um Deus a sagrada luz  
Do inocente cordeiro  
Deus e homem verdadeiro  
Que sofreu e morreu na cruz.*

*Eu, Judas Iscariotes  
Filho do Servo Simão  
Vendi o Cristo à morte  
Não sou digno de perdão  
Resolvi hoje dar cabo  
Desta minha inglória vida  
Me tornando suicida  
Entregando o corpo ao Diabo.*

*Mas é mister que com empenho  
E todo contentamento  
Eu divida os bens que tenho  
Fazendo o meu testamento.*

*E uma prova evidente  
De minha péssima bondade  
Todos os bens que possuo  
De muita boa vontade  
Neste derradeiro momento  
Levo neste testamento  
Ao povo de minha cidade.*

*Ao amigo VARJÃO  
Que é uma pessoa letrada  
Deixo a minha biblioteca  
De livros, abarrotada.*

*Para o Sr. LADISLAU  
Noturno como ele é,  
Deixo como herança e prêmio  
Um magote de mulher.*

*Ao neto ALDEMAR GUIRRA  
Que não vai negar minha raça  
Deixo o bem envelhecido  
Garrafão de cachaça.*

*Para o ANTONIOZINHO DA VOADEIRA  
Que faz de cama a caixão  
Deixo um serrote enferrujado  
E o meu velho cinturão.*

*Vou deixar para o BILEGO  
Um chapéu de Panamá  
Para quando for ao sol  
Sua careca não queimar.*

*A minha cueca furada  
Que nunca pude lavar  
Deixo para o CACIQUE  
Para o cheirinho aproveitar.*

*O meu sapato sem sola  
Vou deixar pro JUVENAL  
Espero que ele não pise  
Em brasa ou no lamaçal.*

*Para o amigo TONHÁ  
Que gosta muito de cantar  
Deixo o violino sem corda  
Para festas embelezar.*

*Ao VALTER e CÍCERO MORBECK  
Com sua carinha de santo  
Deixo botina e toalha  
E o meu par de tamancos.*

*Para o SR. CAROLINO,  
Prefeito de grande talento,  
Uma fazenda lotada  
De burro, vaca e jumento.*

*Para o LUIZ BARBOSA  
Batuta e camarada  
Deixo um par de meias  
E minha ceroula rasgada.*

*Ao velho amigo CABOCLO  
Conquistador de viúva  
Deixo com todo prazer  
Um cabo de guarda-chuva*

*Para o amigo FLEURY  
Nosso bom anunciante  
Vou deixar com alegria  
Este meu alto-falante.*

*Ao LIDIO, bom dançarino,  
Que faz moça rodopiar saia  
Deixo um velho burro  
Com arreios e uma cangalha.*

*TERTO, oficial de justiça,  
Com cara de cobrador  
Quero deixar sem mágoa  
O meu galo cantador.*

*Ao SIBIBIU, medidor de terra,  
Deixo minha corda bonita  
Pra amarrar no esteio da casa  
Sua sempre amada Lilita.*

*Deixo para o RUI DOURADO  
Ganchos de pendurar  
Para lembrar o velho amigo  
Quando vaca for matar.*

*Ao FIUCA sanfoneiro  
Cabra macho e bom de fado  
Deixo como lembrança  
Uma sanfona sem teclado.*

*Para o DOMINGOS PEREIRA  
Cavaleiro sem agasto  
Deixo meu cavalo manso  
Para ele botar no pasto.*

*Ao velho PEDROCA amigo  
Que não diz nada aumentado  
Deixo com muito orgulho  
Um livro cheio de recado.*

*Meu trabuco desmontado  
Que foi do Lampião  
Deixo pro LOURENÇO REGO  
Para brigar com HIGINÃO.*

*Quero deixar meu bornal  
cheio de licor mateiro  
Para o MANOEL BRITO NENÊ  
Dançador e bom pedreiro.*

*Ao MOISÉS LIRA, vistoso  
conquistador de donzelas,  
Estou deixando com gosto  
Panela, pratos e tigelas.*

*P/ o ANTONIO que é Branco  
tanto por dentro e por fora  
Vou doar sinceramente  
O meu bom par de esporas.*

*Para o arrojado JONIR  
Balanceador de corações  
Deixo de lembrança 1 garimpo  
Com os meus furados surrões.*

*Para o SR. EDMUR  
Que gosta de uma pescadinha  
Deixo anzol enferrujado  
Para pescar DONA BELINHA.*

*Para o Sr. VALDOMIRO  
Homem culto e fechado  
Deixarei com muito orgulho  
Uma fazenda de gado erado.*

*Para o amigo JOÃO MIRANDA  
Pedreiro qualificado  
Vou doar alegremente  
Meu cobertor costurado.*

*Ao HIGINO NENÊ  
Homem de cara fechada  
P/ brigar com LOURENÇO REGO  
Deixo a minha espingarda.*

*Ao ZÉ IRENO das boemias  
Tocador e bom barbeiro  
Estou deixando de herança  
Meu cavaquinho e pandeiro.*

*Para o JOÃO XAVIER  
Quero deixar de herança  
Os meus velhos suspensórios  
Para segurar sua pança.*

*Ao GUERREIRO AFAMADO  
Daquela lembrada pensão  
Vou deixar de bom grado  
Cama, sofá e colchão.*

*Pro JOCA do VITÓRIO  
Comerciante catito  
Deixo papel e caneta  
Pra brigar com Dr. TITO.*

*Para melhor dirigir  
Por este mundo adentro  
Deixo p/ o Sr. NILO BARROS  
Uma tropa de jumentos.*

*Meu gato pirento e magro  
Que foi de meu avô  
Deixo pro MARTINS LIMA  
Chofer de lancha a motor.*

*Ao amigo ZÉ DO TAU  
Financista de outrora  
Deixo meu cofre velho  
Repleto de promissória.*

*Ao amigo GERVÁSIO  
Que sonhou colher as uvas  
Deixo meu par de óculos  
Para conquistar mais viúvas.*

*Ao MIRO, bom de bilhar,  
Metido também a bonito  
Deixarei com alegria  
Uma chapa de fogão.*

*DONA PANTICA COSTA  
A ela eu tomo a bênção  
Por gostar da turma velha  
Sempre dando atenção.*

*Nada mais tenho no mundo  
Termino meu testamento  
A vida não mais aguento  
Sou um pobre moribundo  
Tenho as pernas combalidas  
Sinto dores na traseira  
Ando pior que caveira  
Quero fugir desta vida  
Deixo pro TALIBA um adeus  
Por não gostar de Judeus  
Ai Jesus quanto cansaço  
Ao VALTINHO um abraço  
E ao PADRE CÍCERO um adeus.*



**Dança LUNDU**



**Região da Bahia e Nordeste – Folia do Divino**



**CATIRA (Dança popular da Região Goiana)**

## **5º Ato**

**CENÁRIO:** Festas Juninas – Apresentação de Catiras

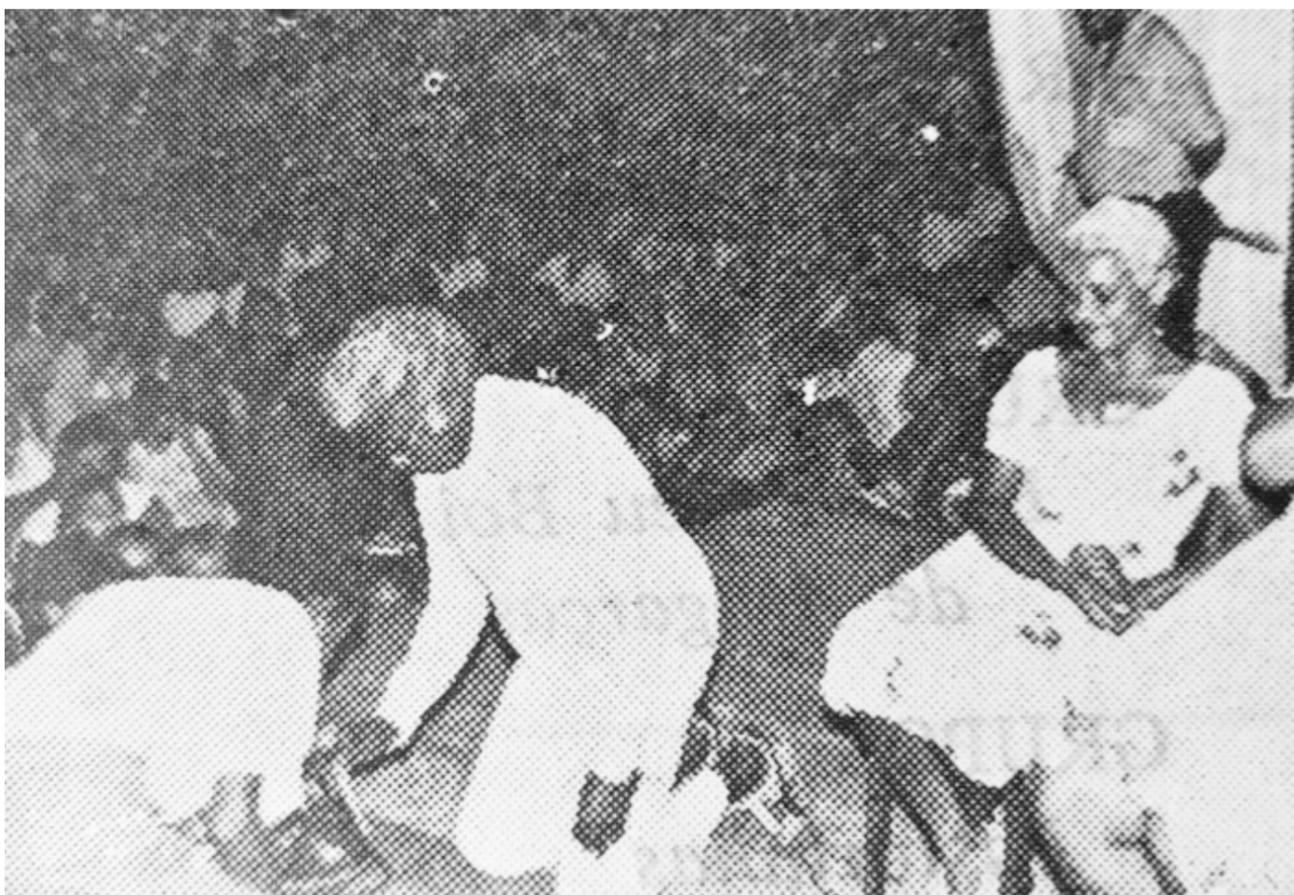
Uma fogueira com um mastro cheio de prendas, várias pessoas sentadas em volta conversando alegremente.

**CRIANÇA:** Vamo passá fogo pra senhora sê minha madrinha?

**MADRINHA:** Passá fogo é coisa séria, você tem que respeitar como madrinha verdadeira. (Pega na mão do menino e diz): “São João disse,

São Pedro confirmou, que (fulano) é meu afilhado. Porque Jesus Cristo mandou" (três vezes) (o menino repete).

**CHICO:** Compadre Pedro! Vamo vê se no ano que vem nós ainda vamo tá vivo? Maria, trais uma bacia com água pra nós vê se vamo enxergar as duas oreia. (Maria traz a bacia e todos olham e fazem comentários).



**Ver reflexo do rosto na bacia de água - (Crendice popular)**  
**Festa Junina**

**MARIA:** Vamo, meninas. Vão se arrumá que eu mais o Chico vamo levá oéis pra dançar quadria no baile do Rancho Alegre, lá no Joca do Vitória. Tá quase na hora.

**MENINAS:** Vamo, sim mamãe. (Saem. Entram grupos para dançar a quadrilha).

**CHICO:** (Depois da quadrilha) Pois é, pessoal, a festa tá muito boa, mas vai ficá mió. Agora oéis tão convidados para o casamento, oéis não pode perder o Baile de Chita. E amanhã oéis não pode deixá de aparecer aqui, pois a festança vai continuar.

A Nina Flores, a Martemes, a Irmã Odília e as professoras da DREC vão fazer uma festa de arromba. Vão falar das RAÍZES, vocês todos estão convidados. Vai ser na Rua Coronel Antônio Cristino Côrtes, vou lhe esperar. Adeus, até para o ano que vem.

## **APRESENTAÇÃO DA PEÇA**

Figurantes:

***Antonio Mariano da Silva***

***Nilmar Aquino***

***Maria Auxiliadora***

***Alunos Escolares***

Exibições:

GRUPO

***Catireiros de Araguaiana***

GRUPO

***Bumba-Meu-Boi de Aragarças***

GRUPO

***Pastorinhas***

***Profa. Carmina Bosaipo***

GRUPO

***Foliões Santo Reis***

***Turma do Sr. José***

GRUPO

***Lundu de Araguaiana***

***Turma Laranjeira***

GRUPO

***Capoeiras de Aragarças***

***Professor Jaguá***

**Apoio: Rádio Aruanã e Rádio Difusora**

# TERCEIRA PARTE

## RAÍZES DA RAÇA NEGRA

*(pesquisa sobre as raízes da raça negra no Brasil)*



**Valdon Varjão**

*“Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n’alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.”*

**Castro Alves**

# Axé Brasil!



*100 anos da abolição da  
escravatura*

## TRÁFICO DA RAÇA NEGRA

Os negros que chegaram ao Brasil durante o período da colonização eram, na maioria, lavradores, agricultores e criadores; homens das florestas e das savanas; habitantes de casas redondas ou retangulares; herdeiros de civilizações totêmicas matrilineares ou patrilineares; negros de vários reinados, de uma única organização tribal; africanos islamizados, animistas, politeístas adoradores de ancestrais de linhagem. Enfim, a cultura brasileira que se formava então recebeu uma forte influência dessas diversas civilizações africanas através de representativos contingentes de suas nações:

**Civilizações sudanesas** – os iorubá (nagô, ijexá, egbá, ketu);

**Civilizações islamizadas** – representadas, sobretudo, pelos mandingas ou haussas, Tapa, bornu e gurunsi

**Civilizações Bantu** - grupo Angola-gongolês – os ambundas de Angola (cassaques, bangalas, imbangalas, dembos), congos, calundas do Zaire e os benguelas

**Civilizações Bantu da Contra-Costa** – os moçambiques (macuas e angicos).

Durante o período de tráfico negreiro, muitos grupos da mesma etnia desembarcaram no país possibilitando uma afinidade para certas organizações ainda que precárias, pois as civilizações possuem uma mesma identidade quanto à origem de cultura e até de família.

Devido à continuidade do tráfico, as organizações ganharam força e as tradições fincaram raízes no novo país. A vinda de sacerdotes, adivinhos, médicos curandeiros ou feiticeiros reafirmou e disseminou seus conceitos, reafirmou suas vivências primitivas e religiosas.

No início, a vida dos negros baseava-se numa série de práticas místicas africanas dentro da tradição trazida. Com o decorrer do tempo, vieram as modificações estruturais.

Os candomblés, xangôs, muito conhecidos atualmente no Rio de Janeiro e Bahia, não provieram de seitas africanas. Foram organizados aqui no Brasil ao fim do século XVIII e começo do século XIX.

As extensões e diferenças físico-geográficas determinaram o desenvolvimento das religiões africanas em suas transformações, tomando uma feição regionalista. De acordo com o grupo de origem, receberam diversos nomes, nem sempre diferindo na essência do culto. No Maranhão encontramos o Tambor de Minas, predominante do grupo Daomeanos. A área dos Xangô foi localizada nos estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe. O candomblé se alojou na Bahia. No Brasil Central a religião africana derivou para a macumba, espiritismo de Umbanda, predominante na civilização Bantu.



**O pelourinho - local de suplício dos negros**

Há muitas variações entre os cultos, como: instrumentos musicais utilizados, a língua dos cânticos, os ritmos dos atabaques, os nomes da divindade, os rituais, as vestimentas etc. Apesar dos contrastes que mantêm vivos esses cultos, os negros inquestionavelmente mantêm místicas culturais comuns em todas as religiões.

## OS DEUSES DESCEM À TERRA

O candomblé incorpora, funde e resume as religiões africanas, cultos indígenas brasileiros, catolicismo popular e espiritismo.

Esse sincretismo nasceu da repressão dos “senhores” aos cultos africanos, o que fez o negro camuflar, de certa forma, sua religião original, para continuar celebrando suas divindades no Brasil.

Nos candomblés há sempre um altar com imagens e registros católicos nas salas de festas, mas os santos que regem o terreiro são os legítimos deuses africanos, donos da força da natureza e do cosmo.

Dentro do sincretismo são estes os orixás:

**Exu** – o mensageiro celeste que pode fazer o bem ou o mal é sincretizado como o diabo;

**Ogum** – a divindade das guerras e do ferro é sincretizada como São João;

**Obaluaiê e Omulu** – têm o domínio sobre as doenças da pele, são sincretizados como São Lázaro;

**Naná Buruku** – é a divindade que manda a chuva, sincretizada como Sant’Ana;

**Oxum** – a divindade dos rios é sincretizada como Nossa Senhora do Carmo ou Nossa Senhora da Glória;

**Xangô** – a divindade do trovão, do raio e das pedreiras é sincretizada como São João Batista e São Jerônimo;

**Iansã** – a divindade dos ventos e do trovão é sincretizada como Santa Bárbara;

**Oxalá** – representa a criação do mundo e dos homens, sincretizado como Nosso Senhor do Bonfim;

**Ibejim** – o protetor das crianças, sincretizado como os santos Cosme e Damião, ou Crispim e Cipriano;

**Oxóssi** – protetor da caça, é sincretizado como São Sebastião.



## MÍSTICA OU SIMBOLISMO

Cada orixá tem poderes sobre as forças da natureza e as doenças. Eis seus instrumentos de ação:

**Exu** – um garfo com tridentes de ferro;

**Ogum** – uma espada;

**Oxóssi** – um arco e uma flecha;

**Obaluaiê** – três setas e um tronco de laranjeira;

**Omulu** – um molho de Palha-da-Costa envolto em búzios;

**Oxum** – um leque pontiagudo com espelho com centro;

**Iemanjá** – um leque, um peixe, uma meia-lua com uma estrela em uma das pontas;

**Xangô** – um machado de duas lâminas, estilizado;

**Iansã** – uma espada;

**Oxalá** – um cajado.

Além das insígnias, são representados outros elementos ligados à celebração dos orixás que completam suas histórias e lendas.

No candomblé o mundo espiritual e o mundo material se confundem. Os deuses e os mortos se misturam com os vivos, ouvem suas queixas, aconselham, concedem graças, resolvem problemas e desavenças e receitam remédios para a cura de muitas enfermidades.

## **LOCAIS DO CANDOMBLÉ**

A cerimônia, assim como o local onde é celebrado, chama-se candomblé.

Geralmente é situado nas periferias urbanas ocupando casas normais, simples ou barracões, imprescindíveis à realização de danças. No fundo do barracão há cadeiras de braço, às vezes poltronas ou sofás, para conforto dos visitantes. No outro lado, separado por cerca, está o lugar reservado para os atabaques. No centro, dançam as mulheres em dias de festa.

## CANTOS E DANÇAS AFRO

Batuques, batucapé, chula, samba no pé, capoeira, cateretê e o remelexo nas cadeiras são de origem africana e fazem parte das cerimônias religiosas ou festas populares.

A coreografia das danças é alucinante, com uma participação total do corpo – braços, pernas, cabeças – em movimentos de violenta contorção.

Nas cerimônias religiosas as filhas de santo dançam, caem no chão, num transe de possessão.

É preciso tê-los visto inundados de suor, com vestes inteiramente embebidas pela transpiração. É uma fúria, como raiva e desespero, cujas contorções são a manifestação do apossamento do pai de santo.

Nos ritmos populares, o samba, símbolo da música brasileira, tem descendência das cadências do quizomba, dança angolense.

O quizomba é uma cerimônia que consiste numa dança nupcial. É dançado em roda, com alguns pares no centro, em posições provocadoras e sensuais. Quem entra na roda canta em coro para quem dança, que responde com canções que falam das vidas privadas de todos os presentes ou até de ausentes. Atualmente os grupos carnavalescos traçam novos caminhos para a música afro-brasileira.

A dança afro tem uma característica muito própria e mesmo fundamental que é o estar relaxado. Se não tiver o molejo nas cadeiras, a pessoa não dança; essa é uma diferença marcante das danças clássicas.

A possibilidade de criação da dança é inesgotável por ser uma dança de movimentos pessoais, o que faculta os movimentos criativos. A dança afro não é rígida. Cada um dança do jeito que quer, obedecendo

aos ritmos da música.

Mesmo na capoeira, não se vê uma pessoa jogando igual; apesar de serem passos simples, predominam a criatividade, a agilidade e o gingado do corpo.

O velho e o novo se integram originando uma confraternidade com os ritmos e dinâmicas.

Os instrumentos musicais mais usados pela raça negra em seus festivais são muito simples. Constam como principais: berimbau, pandeiro, cuíca, tambores, agogô; chocalhos; triângulos e bateria.

Os elementos da dança e da música transmitem a cultura afro-brasileira junto com suas lendas, cantos, poemas e versos que levam valores e tradições de geração para geração.

## **TEMPEROS E QUITUTES**

Só os de raça negra têm o segredo da culinária para saber fazer um bom efó ou caruru na medida, colocar a quantidade certa de cada tempero e não esquecer do dendê e de uma pimenta-de-cheiro. Além da técnica, a cozinha afro-brasileira requer muito amor e imaginação.

Imaginação foi o que não faltou ao africano quando aqui chegou, criando uma arte de cozinhar seus quitutes numa terra desconhecida sem aqueles ingredientes usados em sua terra de origem. O negro trouxe alguns de seus temperos e legumes mais comuns em sua cozinha: azeite de dendê, camarão seco, pimenta malagueta, inhame, quiabo e variadas folhas para preparo de molhos ou condimentos. E mexeu na panela de cozinhas indígena e portuguesa colocando o sabor africano do dendê e do leite de coco em fritadas, frigideiras e moquecas portuguesas.



A cozinha africana, sem dúvida, se alojou na mesa do brasileiro e incorporou em seu cardápio a chamada “cozinha de azeite”.

É uma cozinha de cheiros e cores. A pimenta (vermelha, verde, amarela) é cheirosa, ardida, picante. O dendê é outro forte, marcante. E para enfrentar a provocação desse gosto, nada melhor do que um leite de coco ou uma abóbora que acalme o salgado do camarão seco.

## **TEMPERO DOS DEUSES**

Na cozinha africana original, usava-se o ataré ou pimenta-da-costa, o iru (espécie de fava), o iecê e o egusi, sementes africanas com função de condimentos.

Da África, os negros trouxeram a pedra de ralar milho, feijão, arroz. Ela tem uma face plana, ligeiramente picada e porosa. Há outra pedra cilíndrica e áspera que é impelida sobre a primeira, para frente e

para trás, amassando o cereal. A criação e a invenção dão a tônica à comida afro-brasileira.

No candomblé uma regra estabelece que mulher menstruada não deve cozinhar. O sábio preceito determina que o exercício da arte culinária fique a cargo de mulheres na menopausa, mais velhas e experientes.

## O DIVINO SABOR

Cada orixá tem exigências do seu paladar. Ei-las:

**Oxalá** - o maior do Panteon. Considerado um dos criadores do mundo, recebeu de Olodumarê a missão de modelar todos os seres humanos. É autoritário, também sensível e compreensivo quando emprega a força e a violência. Sua cor é o branco que representa a bondade e a doçura. Suas comidas são brancas, sem temperos, pimentas ou dendês; a preferência é por canjica, acaçá, arroz de Haussá e feijão de Oxalá. Conforme o prato, é usado mel doce e puro.

### ACAÇÁ DE OXALÁ

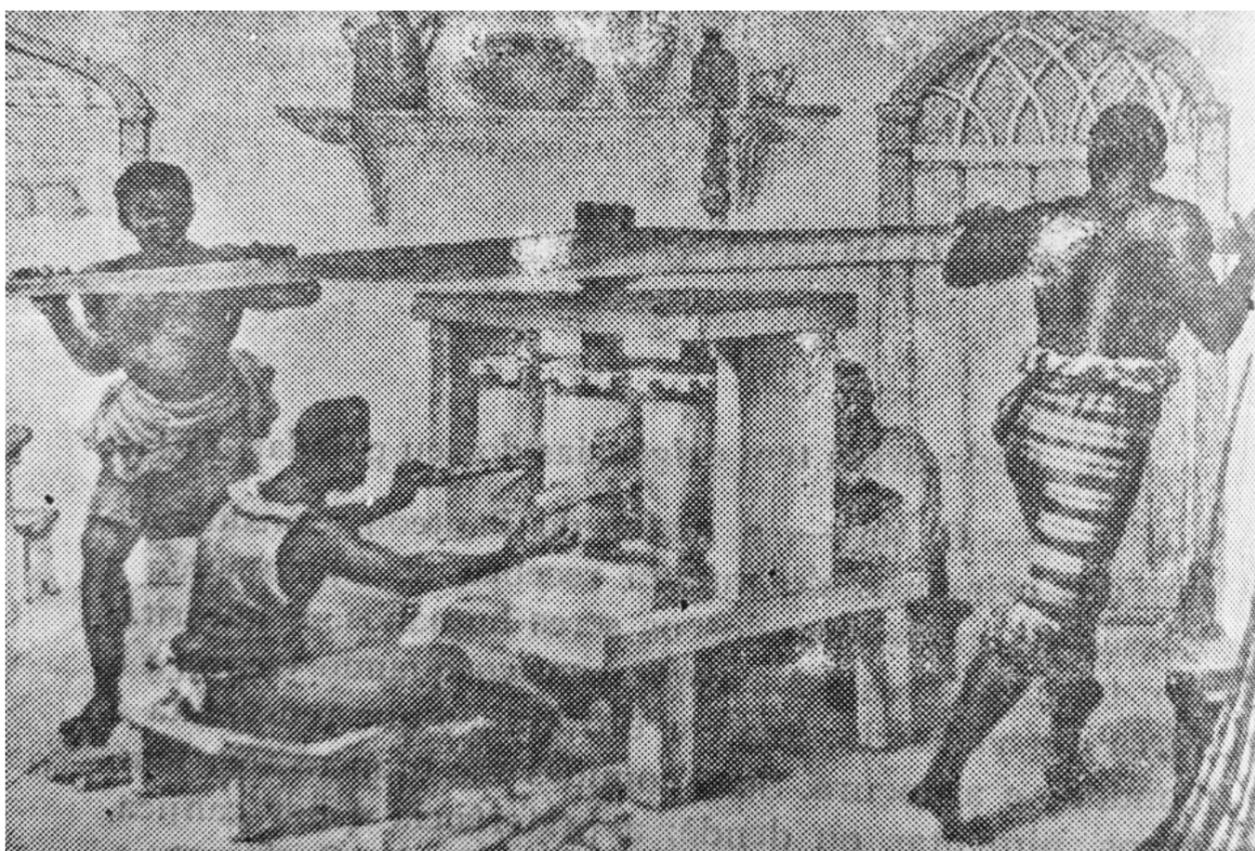
Receita: para se preparar a acaçá de Oxalá, deixa-se o milho branco com água em alguidar novo, sem qualquer resíduo, até amolecer, ralando-se depois na pedra e passando-se numa peneira fina (urupema), o que deixa uma massa no fundo do vaso. Depois a água é escoada e deita-se a massa ao fogo, com outra água, até cozinhar em ponto grosso. Utiliza-se uma colher de madeira para retirar pequenas porções que são envolvidas em folhas de bananeira, após rápido aquecimento.

**Xangô** - é um elemento da divindade atrevido, violento e justiceiro. Uma figura sólida, representada pelo elemento pedra. É dono dos raios e com eles atinge quem lhe aprouber. As comidas preferidas de Xangô são as bem fortes: obeguiri de carne de costela, adó, abarrêm

de milho e caruru.

## CARURU

Receita: para preparar um bom caruru, primeiro, é preciso ferventar e descascar o camarão seco, que é passado na máquina de moer com cebola, alho e pimenta seca. Essa mistura é refogada em óleo quente, depois se acrescentam o quiabo em rodinhas e a água, mexendo sempre com uma colher de pau até formar um creme, quando então são colocados amendoim e castanha moídos. Antes de tirar do fogo, juntar o ouro da comida africana: o dendê! E aí está pronto o manjar dos deuses Xangô e dos simples mortais.



**lansã** - é a divindade dos ventos e das tempestades, temperamento ardente e impetuoso, terrível na cólera, mas fantasticamente alegre no amor e no profundo prazer da vida. lansã gosta de comidas picantes como o bobó, o abará, o acarajé e também o vatapá de galinha.

## ACARAJÉ

Receita: prato principal para lansã, é feito com feijão-fradinho colocado de molho até inchar, depois rolado na pedra e temperado

com cebola e sal. Bate-se a mistura até obter uma boa consistência para formar bolinhos com a colher de pau. Frita-se em azeite de dendê bastante quente.

**Iemanjá** - a rainha das águas salgadas. A imagem se associa à das mães enérgicas, firmes, mas bondosas, totalmente voltadas para os filhos, capazes de gestos generosos e de grandes sacrifícios.

## **CAMARÃO DE IEMANJÁ**

Receita: Iemanjá é reverenciada em seus cultos com um prato que leva camarão seco ralado, temperado com cebola, azeite de dendê e leite de coco. Sobre a massa que se forma são colocados ovos batidos em camadas. Depois é só colocar em fogo brando.

**Oxum** - é a mãe da água doce, uma mulher apreciadora dos prazeres e de tudo o que é belo e caro. A moqueca, o mulucum e o xinxim de galinha fazem as suas delícias, com muito tempero, dendê e pimenta.

A cozinha brasileira está intrinsecamente ligada ao candomblé, conservando os ingredientes e o modo de preparo originais. Afinal, os orixás sabem apreciar o que é bom.

Na Bahia e no Nordeste em geral, onde a herança da culinária africana fincou pé, com predominância da civilização sudanesa, a tradição dos doces é de dar água na boca.

Ovos, açúcar, doçura. Muita clara de ovo na mãe-benta e amendoim no pé-de-moleque. Com o tempero da imaginação, a tradição da cultura afro-brasileira continua sua vida envolta num simbolismo místico de uma grande arte, presente a cada traço.

De boca em boca, de palavra em palavra, a culinária africana foi introduzida em nosso país e preserva a magia de uma tradição. A cozinha com seus temperos, cor, aroma e ingredientes compõe as manifestações religiosas ou profanas, garantindo a predominância

da origem.

A religião, os costumes, as palavras e os gestos marcaram a unidade cultural no Brasil. São profundos os traços de personalidade e das tradições, quer nas atitudes afetivas, formas de mentalidade, de pensamento, de religião, quer na predominância do vocabulário, nas formas culinárias, na alimentação, nas artes artesanais. Enfim, a cultura predomina na vivência brasileira.

Os negros trouxeram e doaram ao Brasil suas técnicas artísticas.

Conhecer o negro, suas tradições, vivências, credences e costumes, é conhecer o Brasil dos Brasileiros.

# QUARTA PARTE

# ESTÓRIAS DO FOLCLORE (*CONTOS REGIONAIS*)

*Valdon Varjão*

**Membro do Instituto Histórico e  
Geográfico de Mato Grosso**

# As Galinhas Astronautas

## *Estórias do Tapeti, o maior mentiroso do Centro-Oeste*

No tempo em que o Mar Morto ainda era vivo, viveu na beira do Araguaia uma figura singular, até hoje lembrada constantemente pelos contadores de lorotas.

As estórias do Tapeti eram fantásticas, arrebatavam qualquer vivente de rir. Risos de boca inteira, risos de dar cólicas a até fazer escorrer água da bexiga.

Afamadas e excessivamente “sui generis” pelas suas incomparabilidades. O velho possuía um repertório inigualável; estórias jocosas, cômicas, trágicas e até dramáticas.

Quase todas, fantasias de sua mente geradora, o que significava justificava para o título de REI DOS MENTIROÇOS, ou maior mentiroso do Araguaia.

Açoitado pela necessidade imperiosa de extravasar a fértil fantasia de sua mente, quando não encontrava interlocutor, falava sozinho ou com os animais, fruto da verdadeira neurose da solidão.

Era um homem entediado, blefado e enclausurado no emaranhamento das lianas dos garimpos. Viveu aos léus e emboléus, resignado e abstraído do separatismo social, vegetando a vida distante dos centros e aglomerados urbanos. Pudemos assim analisar o perfil daquele

inteligente, criador e protagonista de muitas estórias fantásticas que enriquecem o folclore regional.

Ao aportar do batelão no ancoradouro de seu rancho – parada obrigatória e costumeira dos navegantes do Araguaia –, percebemos sua presença na luta do ganhar pão dos beira-rio.

– Ô de casa... (vocativo gritado pelos aportadores, alguns já subindo os íngremes degraus rústicos do barranco do porto).

– Ô de fora... – respondeu ele, no tom de um vozeirão grave, baritonoso e alegre.

– Cheguem para cá, homens de Deus. Sejam bem-vindos ao seio do regaço de uma tenda tosca de um garimpeiro feliz. Sonhei que hoje teria visitas, importantes, de caras novas alvissareiras...

Largando as lides, passou a nos dar o mais atencioso tratamento de atenção:

– Sentem-se que minha velha irá passar um café para brindar tão significativos visitantes.

Puxando de uma peixeira amolada, passou a sovar uma palha de milho carregada ao bernal, e, incontinenti, picava um naco de fumo de rolo.

Disse-nos com certa alegria:

– Acabei de chegar e ainda ressaqueado de sono, de um forró que participei com minha velha nos festejos do Deixado. Mas, mudando, como se diz na gíria, de égua para jumento, vocês já ouviram falar dos festejos de São Francisco, Padroeiro do Deixado?

– Até agora, não – foi a resposta uníssona!...

– Pois não sabem avaliar o que é uma festa do interior, e muito

menos o que estão perdendo. Este ano está excepcional. Os festeiros são Pedro Martins e sua filha Maria Martins; o capitão do Mastro é o Artedes, filho da Nenzica; as rainhas disputantes são a Itapura, a Purinha, aquela menina elegantíssima e de formosura perdida nestes vales, e a Solange, filha da dona da pensão; a novena de ontem estava a cargo do Talismã, do seu Né de Dona Muarilia do João Martins, os ricos coronéis dali; os bailes são animados pelo Agenorzinho na sanfona pé de bode, o Plínio no clarinete, o Benedito no pandeiro, o Botelho na rabeça, o Russo no violino, Cabritinho no violão, Salomão na flauta e Vadinho no reco-reco, fazendo uma orquestra de dar inveja à bandinha da Baliza.

– Há muitas guloseimas, bebidas correndo às soltas. O festeiro, antes das noitadas, grita em voz alta: “Aqui ninguém vai se meter a besta, tenho carta branca do chefe da Base para imprimir a ordem; já falei com o Sinhozinho Cachimbada sobre a organização, e convidei o Raimundo Lima do Pintassilgo para fazer o policiamento. O primeiro desordeiro que se meter a besta eu taco-lhe a faca no bucho; desta vez não vai acontecer como nos festejos passados, que foram interrompidos com o assassinato do Carôla; agora, brigões não terão vez, principalmente aqueles almofadinhas, pilantras, cariocas pau-rodados dos morros do Rio de Janeiro aqui chegados com a Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central, que num baile de Aragarças quando se exigia usar gravatas e trajes condizentes com uma festa elegante, eles bagunçaram o “coreto” amarrando uma gravata no pescoço de um cachorro e introduziram no salão do baile”. E disse mais: “Conosco não tem branco nem preto, rico nem pobre; escreveu não leu, o ‘pau comeu!’”.

Depois de fabricar seu cigarrão de palha, puxou de um corrimboque, pedaço de chifre de boi cheio de algodão sapecado, com um pedaço

de lima atritado a uma pedra resistente para produzir faíscas, e com a chama forte acendeu seu cigarro.

– É servido? – ofereceu virando-se aos presentes.

– Não, muito obrigado – foi a resposta.

– Não sabem o que perdem. Então, com suas licenças... – começou as baforadas soltando espirais de fumaça, tal e qual as chaminés poluidoras das usinas de Cubatão.

As cuspidelas se sucediam de um lado para o outro mostrando o falho dos negros e apodrecidos dentes.

Todos nós esperávamos as lorotas, fator primordial que nos levava às paradas naquele ponto.

Ele, bem sisudo, usando de um português exemplar, foi dizendo:

– Bem, meus filhos, vocês sabem que meus ditos são como os éditos do Imperador Dom Pedro II, na minha linguagem não uso gírias, pedra é pedra e pau é pau. Meus tratos de boca valem tanto ou quanto e até mais que documentos e papéis passados em cartório. Sou do tempo em que um fio de barba selava todo e qualquer acordo. A minha cabeça foi banhada com águas bentas do Rio Jordão, minha boca provou o sal piedoso do Mar Morto, meu peito foi ungido com os santos óleos que iluminam o Santo Sepulcro de Jesus Cristo em Jerusalém. Na minha cabeça não entram os soberbos pensamentos maus; tudo que volteia ao meu redor são coisas boas.

– O senhor já esteve em Jerusalém? perguntou um curioso, já que aquele papo estava se derivando para o terreno religioso.

– Não, disse ele, mas pretendo em breve ir à Terra Santa.

Nisso, entrou o velho Faustino que ficara vigiando o barco e ao cumprimentá-lo perguntou:

– Como vai, Tapeti?

Sem titubear, naquele vozeirão timbrado igual ao locutor da Rádio Jornal do Comércio de Pernambuco falando para o mundo, disse:

– Não vou tão bem quanto mereço, nem tão mal quanto muitos julgam. Vou indo meio lá e meio cá, nas mãos de Deus e na língua do povo.

Acendeu novamente o pito e continuou:

– Sei que vocês estão aqui atrás de novas; pois eu nem lhes conto o que sucedeu comigo há pouco tempo. Foi um fato curioso, inédito e impressionante. Para não julgarem por mentira, tenho documentos comprovantes que atestam veracidade.

Ante a expectativa dos presentes, ele continuou:

– Certo dia dos meses passados, nosso criatório de galinhas mermou. Pestearam-se todas as penosas. As que não morreram tive que matar e queimar, para isolar a peste. No plantel havia umas de raça extraordinária que adquiri em Itu, do Estado de São Paulo, poedeiras de três ovos por dia. Foi um deus nos acuda. Já não aguentando a lengalenga da minha mulher, que reclamava noite e dia, montei na velha bicicleta e fui até a Balizinha, num fim de semana, para aproveitar a feira. Ali adquiri nova partida de aves, mais de 50 galinhas índias, todas negras como graúnas, asas grandes como condor.

Outra baforada entre duas cusparadas, e a estória continua:

– Procurei atrelar umas às outras fazendo cambadas e distribuindo em redor da bicicleta, pelo varão, pelo guidom e pela garupa, numa forma que pudesse pedalar. A trapizonga ficou parecendo um animal de penas. Com certa maestria, montei-me e iniciei a volta que seria um percurso de dez léguas, daquelas de “beijo”. Logo na saída encontrei aquele lançante do acentuado declive para chegar ao Capim Branco. Não percebi que usava o bico da botina para diminuir a velocidade e

com aquela carga foi impossível usar a improvisação, no longo declive a bicicleta foi deslanchando numa embalada que se transformou numa desenfreada carreira tal qual as corridas de Fórmula 1, numa velocidade de 200 quilômetros horários. As galinhas, apavoradas, começaram a bater as asas. Nem lhes conto...

No momento de maior suspense, Tapeti fez uma pausa para pitar seu cigarrão, tirar boas baforadas e respirar fundo.

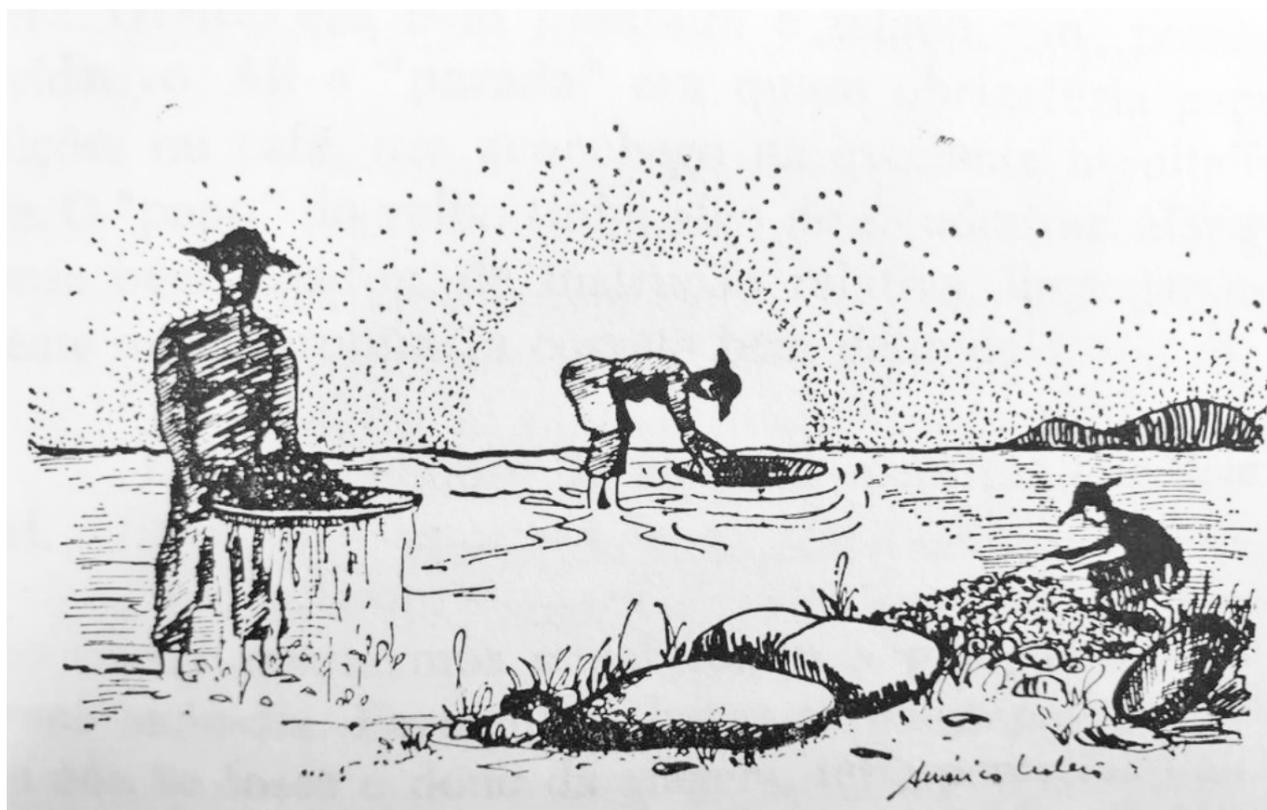
– Bem, como eu ia dizendo, extasiei-me e quando percebi que a bicicleta estava suspensa do chão, ia ganhando altura num voo extraordinário; não tive alternativa a não ser procurar guiar o rumo. Fiz um pelo-sinal e já estava em pleno voo. Como velho passageiro dos teco-teco do Bubi, fui corrigindo o rumo da rota, levando o guidom para um lado e para o outro. Sem instrumentos de orientação de rumos, bússola, painel ou coisa equivalente, procurei ganhar muita altura, levando o voo para o leito do Araguaia, aproveitando o vento que protegia naquela oportunidade. Naquele ultraleve planador, segui rio abaixo, passando por cima da Pedra do Zé Dias, Travessão da Epifânia, Pulador, Praia Rica, Pacu, Travessão do Pernambuco, Macaquinho, Deixado, Garimpo da Lama, a Fazenda Patagônia e Base Velha até chegar em Aragarças. Naquele Aeroporto Salgado Filho, que foi palco da integração do Centro-Oeste, da renomada Revolução do Major Veloso, aquele mesmo que Getúlio Vargas e Tancredo Neves, Jânio Quadros, Ademar de Barros, Eurico Gaspar Dutra, Juscelino Kubitscheck e tantos outros figurões da República usaram para visitar o Brasil Central, entrei na perna do vento, fiz tomada de pista, balancei a trapizonga voadora pedindo sinal verde à torre. Aos poucos fui torcendo o pescoço das galinhas mais desesperadas e furiosas para que pudesse perder altura e efetuar a aterrissagem. Foi um maravilhoso pouso de mestre. A população das duas cidades, Aragarças e Barra do Garças, acorreu às cercanias do aeródromo para testemunhar visualmente o estranho objeto voador, comparado a

astronaves de outros planetas. O certo é que fui ovacionado pela multidão ali presente.

Para comprovar o dito naquela narração, Tapeti apanhou na gaveta da mesa um documento que exibiu, faceiro, para seus atentos ouvintes, dizendo:

–O comandante do Destacamento da FAB, tenente Maciel, me forneceu este documento que guardo com o maior orgulho para comprovar meu ato heroico. Naquele mesmo dia sugeriram chamar o “Repórter Esso”, os repórteres do jornal *O Estado de S. Paulo*, das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro* para anunciarem minha façanha inédita. Somente minha modéstia impediu que se fizesse tanta propaganda por tão pouca coisa.

Realmente o lavrado que nós vimos era escrito em papel timbrado da Força Aérea Brasileira e tinha a assinatura do tenente Maciel, com descrição exata daquela façanha.



Não sabemos ao certo se era mais uma pata do Tapeti ou alguma potoca do Maciel para confirmar aquela extraordinária mentira.

Faustino, que ali era o único mais íntimo do velho, ouviu tudo sem

interromper, para no final arrematar:

– Tapeti, suas galinhas astronautas podiam ter asas grandes, mas esta mentira tem pernas curtas.

O narrador, na maior sem-cerimônia, retrucou de pronto:

– Já disse que não sou homem de conversa fiada, comigo pau é pau e pedra é pedra. Sou homem como trinta, porém tenho fama de mentir por sessenta....

# O papagaio que rezava em latim

## *Estórias do Tapeti, o maior mentiroso do Centro-Oeste*

Com aquelas chuvas danadas, a cheia do Araguaia “procurava baiano”, diz o ditado popular. Varejando e zingando o batelão do Faustino, viajávamos no grande rio: era o único veículo coletivo que transitava entre as corrutelas garimpeiras Baliza - Barra Cuiabana.

Naquele dia alcançamos a chácara do Tapeti, local bonito num barranco alto, dando uma visão encantadora. O sítio era bem plantado e zelado, um pomar convidativo. Ali a “parada” era quase obrigatória para refeições ou café, um aconchego na excelente hospitalidade. O “papo” do velho tinha algo de se admirar. Maranhense bem falador, de instrução relativa, linguajar atraente numa pronúncia correta bem definida.

Inda me lembro de algumas mentiras que dele ouvi.

Ao aportarmos, o sol estava a pino, mais ou menos meio-dia. Foram três horas de longo papear. Cá para nós, se fosse o dono da viagem, teria pernoitado ali. As estórias do “velho” consumiam o tempo de forma despercebida, eram embriagadoras. Sua velha esposa desmanchava-se em delicadezas, oferecendo quitutes e guloseimas, numa hospitaleira e gentil atitude.

Vocês nunca ouviram falar das lorotas do Tapeti?... Não?... É pena. Não conhecem algo pitoresco do nosso folclore regional.

Ele era um sujeito vivido e estimado, charlador como trinta. Dava tudo por dois dedos de prosa, muito amigo de novidades. Quando lhe faltavam fatos, seu cérebro imaginativo criava aquelas fantásticas estórias que deslumbravam os visitantes. Também pudera: naquele tempo, não havia rádio ou televisão, mal apareciam alguns jornais trazidos de Belém, pela Gazeta, e às vezes com mais de três meses de editados...

As estórias eram passadas de boca a ouvidos e de ouvidos a bocas, no mais das vezes, aumentadas ou mal interpretadas, até deturpadas. Diz o adágio que “quem conta um conto aumenta um ponto”.

Vamos ouvir o “Seo” Tapeti, aquele velho risonho e persistente como mosca na testa de careca.

Quando iniciava suas estórias, ninguém podia interpelar, enxotava até a cachorrada para não latir ou o atrapalhar; tirava um cigarro de palha de trás da orelha, acendia num corrimboque, pigarreava e dizia:

– Olha, meus amigos... há poucos dias, fui tomar banho naquele lajedo – apontou com o beijo inferior o rumo do porto – e ali vi e ouvi uma coisa de admirar: quando mergulhei ensaboadado, ouvi uma voz perfeita que perguntava:

– Quem é você?

Flutuei e olhei para todos os lados sem ver viva alma. Novamente mergulhado, outra vez a voz replicou:

– Você, quem é?

Irritado, julgando ser um Negro D’Água” ou uma Boiúna, ou talvez a bela Yara a Mãe D’Água querendo me atrair – esses mitos muito citados em extraordinárias estórias de navegadores do Araguaia –, pensei comigo: vou conhecer hoje um mito pessoalmente. Tomei respiração profunda, enchi bem os pulmões de ar e, mergulhando,

segui o rumo de vez que, intermitente, repetia:

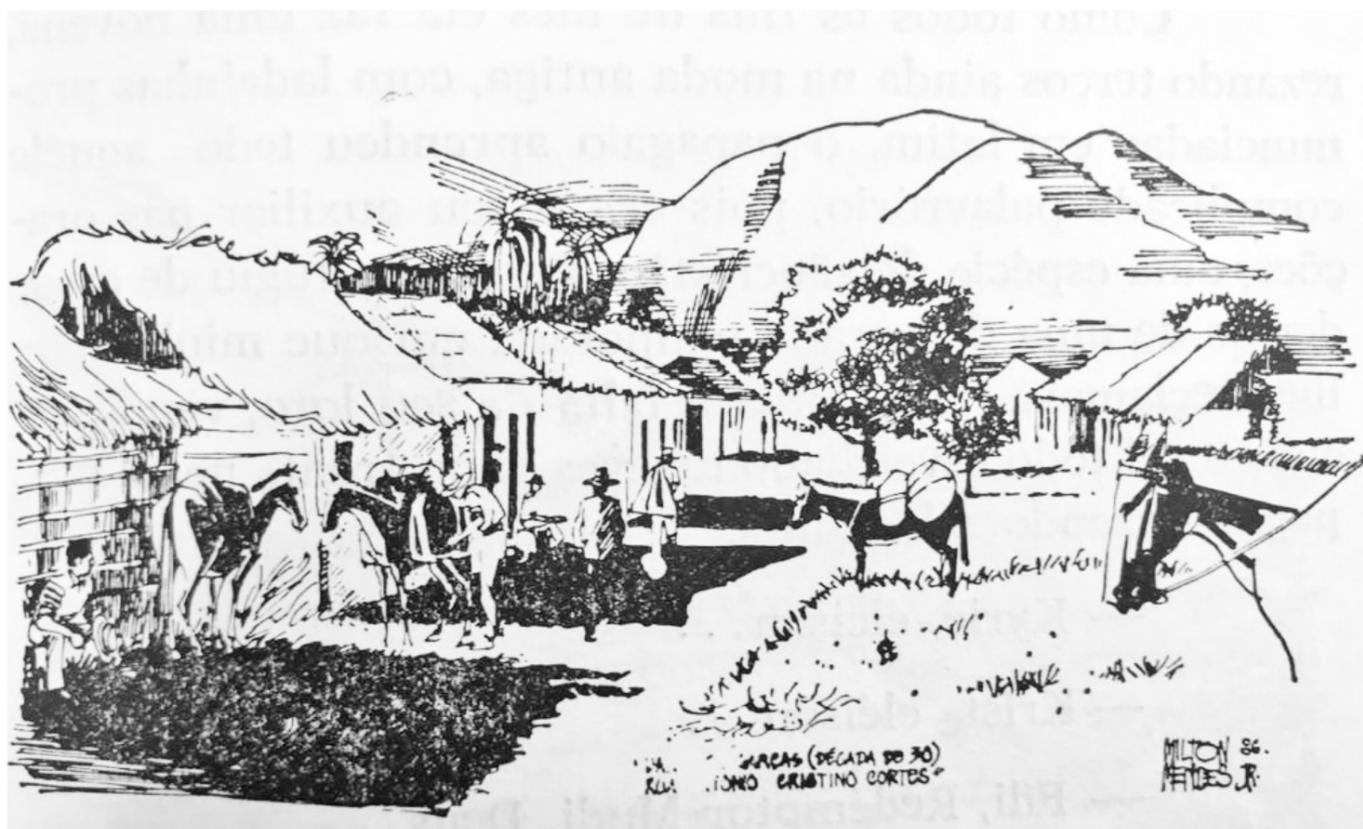
- Quem é você?...
- Você, quem é?...
- Quem é você?...
- Você, quem é?...

Continua ele a estória, embevecido:

- Ressabiado e cauteloso, alcancei o local de onde a voz era emitida. No fundo do rio, encontrei um pedaço de disco do cantor Noel Rosa. Um samba denominado “Palpite Infeliz”. Na música havia um trecho que dizia: “Quem é você que não sabe o que diz?”. O pedaço de disco era atritado por um ramo de juá espinhoso, desses de moitas que nascem no fundo d’água e, quando a correnteza balançava os galhos, os espinhos roçavam o disco tocando o trecho: “Quem é você?...” . Ao voltar, o ramo, aliviado pela correnteza, tocava em sentido contrário: “Você, quem é?...” .

Para provar a veracidade de sua estória, o Tapeti emendou:

- Vou lhes mostrar o pedaço de disco que apanhei como prova; pois homem como eu, quando mata a cobra, mostra o pau!



E realmente nos mostrou um pedaço velho de disco de 78 rotações, gravado pela Casa Edison, do Rio de Janeiro, no ano de 1938. Entreolhamo-nos como que acreditando naquela peta.

Suas histórias eram fantásticas. Ele teve oportunidade de nos contar inúmeras naquela tarde. O tempo passou como o vento, despercebidamente. O sol, que subia antes, agora já descambava para o ocaso. Quando ele se aprontava para mais uma balela, sua esposa cochichou-lhe ao ouvido; acredito que pedindo que parasse, para que a leva de viajantes pudesse continuar a viagem evitando o pouso da caravana no local. Levantou-se ele bruscamente e disse:

– Faustino, na sua volta passe por aqui que eu quero continuar as histórias. Façam boa viagem. O diabo é que vocês, com toda essa pressa, não me deixaram contar aquela história de um macaco que atravessou esse rio pulando como o Tarzan, com aquele cipó que vocês estão vendo dependurado no galho daquele jatobá.

– Gostaria de lhes contar outro fato curioso: “A procissão dos papagaios”.

Foi de um papagaio que minha mulher criou e ensinou a falar latim, aliás ensinou através de um gravador a pilha que possuímos.

Como todos os fins de mês ela faz novena, rezando terços ainda na moda antiga, com ladainhas pronunciadas em latim, o papagaio aprendeu todo aquele complicado palavrório, pois era o seu auxiliar nas orações, uma espécie de sacristão. Certo dia fugiu de casa. Depois de uma demorada temporada em que minha mulher reclamava noite e dia a falta de seu loro, vimos, eu e ela, o sol todo esverdeado de aves, e na frente nosso papagaio rezando a ladainha.

– Kyrie, eléison...

– Kriste eléison...

– Fíli, Redémptor Mundi, Deus...

- Sede Sapiencie...
- Regina Mundidei...
- Regina Célia...
- Stela Matutina...
- Virgo de Virge...

E atrás, aquela multidão de papagaios, respondendo:

- Ora pro Nóbis...
- Misesere Nóbis...

Espetáculo encantador digno de ser filmado.

- Vocês voltem com mais folga, que tenho muitas estórias a contar...

Essas, e outras, eram as lorotas do Tapeti, que tinha como vizinhos Feliciano e seu genro Tomé, todos considerados bons mentirosos. A fama deles deu origem a um refrão que os garimpeiros recitavam em versos.

Eram figuras no folclore e, quanto às mentiras, contavam-nas por brincadeira; elas nunca deram prejuízos, pois ninguém acreditava – eram levadas para o terreno das piadas.

PARA SABER MENTIR...

Feliciano, Tomé e Tapeti.

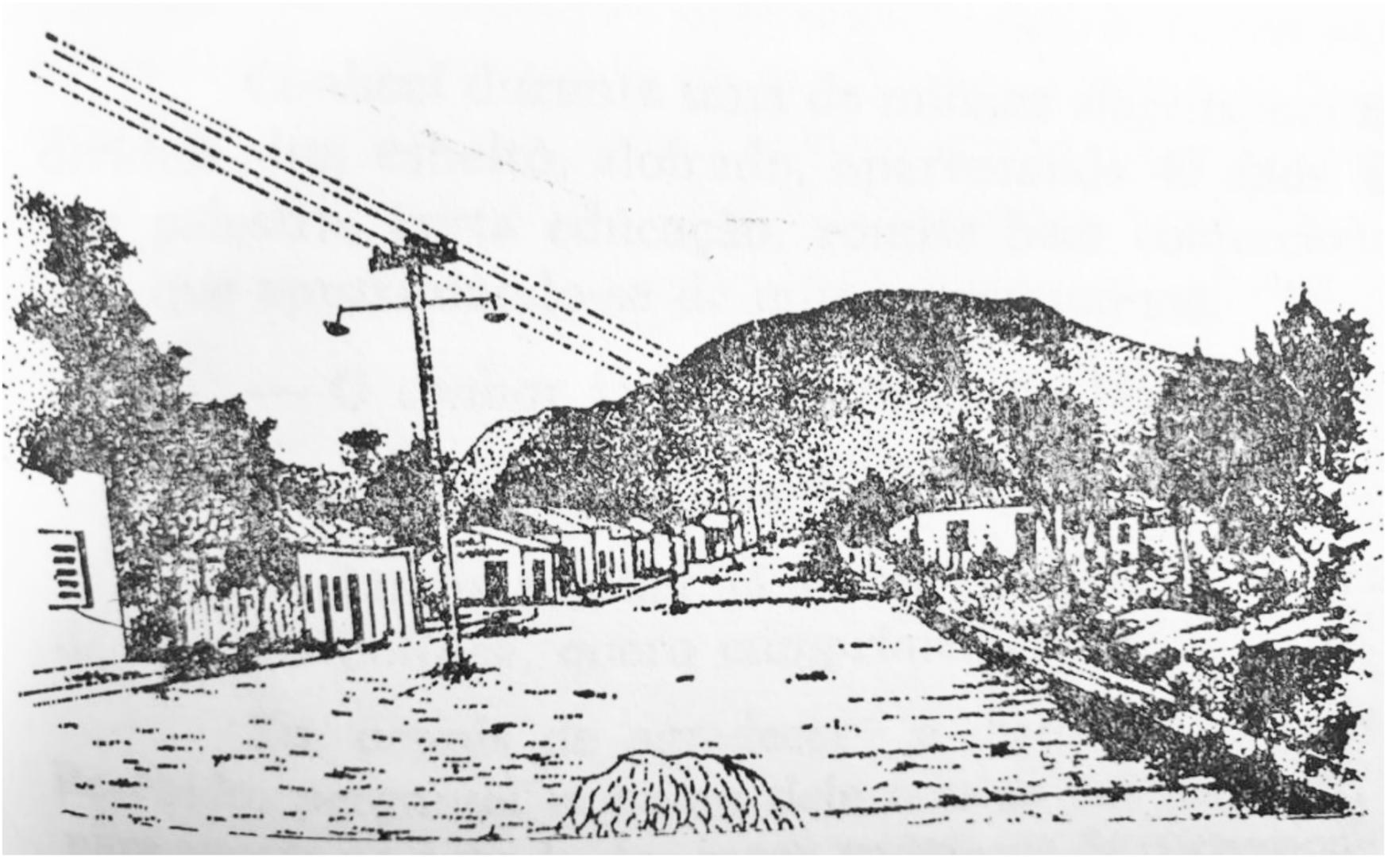
Para mentir todo ano...

Tapeti, Tomé e Feliciano.

Para mentir quando quer...

Feliciano, Tapeti e Tomé.

Vocês conheceram algum deles?...



# Geminiano e Luciana

– *Conto do autor Valdon Varjão, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, publicado num livro de contistas do Senado Federal*

## Preâmbulo

Conheci, durante uma de minhas viagens, um indivíduo alto, esbelto, aloirado, aparentando uns 40 anos, de boa palestra, certa educação, roupas bem confeccionadas, que, aproximando-se de mim, perguntou:

– O senhor já foi Deputado em Mato Grosso?

Com a resposta afirmativa, ele continuou:

– Minha mulher já votou no senhor, é uma de suas fãs políticas; quero cumprimentá-lo.

Eu, depois de agradecer a distinção do voto recebido, perguntei o nome dele e o de sua mulher, para anotar na agenda dos meus endereços de correspondências pré-eleitorais e natalinas.

Ele, depois de titubear, respondeu-me:

– Não tenho nome, já fui Geminiano, e minha mulher agora já se chama Luciana.

Com aquelas afirmações incógnitas, pensei tratar-se de algum criminoso foragido da justiça, ou mesmo algum caloteiro que quisesse

fazer gracinhas comigo.

Ao que ele retrucou:

– Agora, que aparecemos de um esconderijo, não sei qual nome vou usar; antes, vinha atendendo pelo pseudônimo de Mário, entretanto gostaria de contar-lhe minha estória, porque foi o senhor quem deu nome à minha mulher.

## **A Estória**

No ano de 1954, fui eleito Prefeito Municipal da cidade de Piacá, no norte do Estado de Goiás.

Fiz uma administração invejável, procurei construir pontes, prédios escolares, comprei um conjunto elétrico para fornecer luz e energia à cidade, criei clubes, promovi a urbe ao máximo; tornei-me uma espécie de dono da região. Muito crédito, grandes negócios e uma infinidade de atividades; tornei-me também fazendeiro e para tal finalidade efetuei um empréstimo na SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia), para ampliar a minha pecuária, cujo empréstimo foi à monta de 40 milhões.

Tudo correu bem até as proximidades do vencimento do débito, quando comecei a me preocupar sem saber como saldar tão alto empréstimo, pois, além de não encontrar negócio para as propriedades, havia feito muito desvio do capital para custeio de eleições, como é habitual no interior quando a gente se torna “dono da bola” (como se diz na gíria).

Certo dia, minha esposa empreendeu viagem a São Luís do Maranhão tanto com o fito de tratar de sua saúde como o de preparar o enxoval para o casamento de nossa filha mais velha, e ali visitar outra filha que fazia estudos naquela capital.

Ao ver-me só, começou a desenvolver-se o fantasma do desespero, preocupado exclusivamente com a fórmula de saldar o débito, e com o medo da liquidação judicial, dada a posição que ocupava naquela cidade de indivíduo conceituado, gozando vida nababesca. Sem destino e orientação, via os dias correrem a passos longos, a caminho da data do resgate do empréstimo.

Não tendo alternativa de onde lançar mão de recursos para o pagamento, pensei em esconder-me da responsabilidade e talvez com essa medida houvesse clemência dos credores para com minha família, com referência à liquidação judicial. E resolvi da seguinte maneira: deixei na Prefeitura uma carta de renúncia do mandato eletivo que estava prestes ao término, fiz outra carta à minha esposa para contar a minha decisão, no seguinte teor:

## **Sem juízo e sem temor...**

### **A CARTA**

Piacá, 2 de fevereiro de 1956

Marilda querida, saudades

O desespero de um homem que não pretende envergonhar-se com uma liquidação judicial, depois de gozar do conceito que desfrutei até hoje na cidade que construí, faz com que nesta hora tome a decisão de desaparecer, tomando rumo ignorado e que jamais será descoberto por meus credores. Não tenho meios de efetuar o pagamento do empréstimo da SPVEA.

Deixo tudo que possuímos consigo: bens, filhos, poucos recursos e, finalmente, o meu nome, que d'agora em diante será outro...

Faça o que lhe aprouver dos bens que ainda restam, deixo também a

responsabilidade do débito; nada pude fazer e não encontrei outra solução.

Cuide dos nossos filhos, dê a educação que tiver condições de dar-lhes. Um dia, eles saberão que seu pai não foi tão ruim, apenas um covarde da vergonha...

Até um dia feliz, não chores...

Meu adeus, seu esposo - Geminiano.

E continua ele:

Retirei da Prefeitura alguns documentos e o dinheiro disponível, e segui meu destino, em viagem para o mundo desconhecido. Perambulei dias, até chegar à cidade de Belém, capital do Pará.

Em ali chegando, hospedei-me no Hotel Danúbio, de segunda classe, para não precisar fazer ficha de hospedagem e para não ser identificado nem fosse descoberta a minha passagem por aquela cidade.

Numa noite, visitei certos pontos de recreio, tais como: jardins, bares, casas de diversão e lupanares. Num, de grande luxo, denominado Noite das Mil e uma Noites, resolvi tomar um *drink* lembrando a vida do passado e, talvez, na bebida sonhar com o que estaria me reservando o futuro.

Vi naquele ambiente de refúgio e infelizes criaturas, chorando a um canto isolada, uma linda garota de aparentemente 20 anos. Formosa, simpática e ricamente trajada. Parecia uma fada do mundo encantado que ali estava para fazer ilusões.

De início, tive a impressão de que ela não pertencia àquele ambiente. Aproximei-me dela e quis saber o que estava lhe aborrecendo para

um pranto tão sentido. Ela nada me respondeu; voltei-me às outras mulheres, que olhavam com desdém para ela e perguntei do que se tratava. Uma delas disse-me:

– Pergunte a ela do que se trata, que lhe informará melhor; só posso lhe assegurar que todas que aqui chegamos temos os mesmos problemas e uma história pra contar. Ninguém nasceu para esse ambiente, o destino é que nos conduz aqui; umas talvez por falta de juízo, outras, por falta de vergonha. Todas nós temos história; quem sabe, a dela seja mais bonita ou mesmo mais interessante.

Voltei-me à garota, e insistentemente perguntei-lhe no que poderia ser-lhe útil; disse-lhe de que nada melhor na vida que um dia após outro; que talvez hoje ela estivesse chorando e no outro dia, sorrindo. Me propus a ajudar-lhe e ela, secamente, respondeu-me:

– A única forma do senhor ajudar-me é dando-me um tiro para eliminar a minha vida, porque eu sou covarde e não tenho coragem de suicidar-me...

Quis dissuadi-la de suas intenções maléficas em relação ao suicídio, e lhe falei do quanto a vida é boa, mesmo para os infelizes, e que toda vez que olhamos para trás vemos alguém em pior situação que a nossa. Para iniciar uma palestra, contei-lhe a história da minha vida; falei também do meu problema de consciência e do desejo de desaparecer; porém com vida, pois julgo esta preciosíssima a qualquer criatura. Perguntei-lhe se não desejava empreender comigo uma viagem para um lugar qualquer, onde ela e eu fôssemos ignorados e desconhecidos, e que poderíamos trocar de nome e vivermos uma nova vida. Isso depois que ela, em palestra, contou-me uma história de decepções e a desdita de sua vida.

Moça prendada, filha de família importante, pai rico, dono de fábricas e empresa de navegação costeira, estudante de Filosofia, teve

a infelicidade de perder a virgindade; que ao chegar ao conhecimento do seu pai, homem austero, de preconceitos e de boçalidades hipócritas, não contempORIZOU: pegou a filha pelo braço, arrumou sua mala e a conduziu até o prostíbulo onde nos encontramos. E disse-lhe:

– Esta será a sua nova residência de hoje em diante; só aqui merece viver quem procedeu como você. Procure tirar o meu sobrenome, trocando-o por um qualquer; queira ambientar-se, esta será a sua nova residência e estrada a trilhar.

Continuou ela:

– Por isso é que procuro retirar-me da vida, para não envergonhar mais os meus familiares, principalmente minha mãe, a quem adoro. E não sei como separar-me da vida.

Depois de acalentá-la, acertamos de viajar no dia seguinte. Tomamos um avião da Força Aérea Brasileira (CAN) na rota Belém-Rio, que passava por Cachimbo, Xingu e Xavantina, onde aterrissamos por deficiência de um dos motores da aeronave. Pretendíamos ir para São Paulo.

Com a parada em Xavantina e falta de recursos imediatos, embora estivéssemos num avião da Força Aérea do Governo, resolvemos interromper ali nossa viagem. Convidei Luciana para descermos o Rio das Mortes e nas margens deste ou de outro rio nas matas selvagens procuraríamos o nosso almejado esconderijo. Compramos uma canoa, dois remos, víveres para uma temporada; e, sem destino, descemos o Rio das Mortes, um dos mais belos passeios que já fiz em minha vida, cheio de surpresas agradáveis e inesperadas. Naquela época o Rio das Mortes era uma visão inexplicável, um encanto, com suas águas límpidas e cristalinas, vendo-se, no caudal, milhões de peixes

de toda espécie.

Suas praias de areias brancas tão lindas como as praias do Atlântico. O rio fundia-se no horizonte com a miragem das árvores enfloradas como se estas meditassem o contínuo deslizar das águas.

O céu, a terra e o rio confundiam-se numa só visão de beleza como se estivessem ainda inaugurando a infância do mundo.

Havia momentos em que a beleza do céu era maior do que a beleza das águas. Era quando o sol surgia com a sua luz dourada para saudar o rio no romper da aurora; ou, no fim do dia, quando trazia um multicolor de faixas só imitadas pela beleza de um arco-íris nas tintas fantásticas que espalhava pelo horizonte como a incendiá-lo.

Tudo era azul, um meio-céu, um meio-paraíso.

Arrepiava-nos a mente quando nos lembrávamos de que naquele ambiente habitavam os índios Xavantes, tribo bravia das margens do Rio das Mortes que ainda eram selvagens; e há pouco tempo haviam trucidado, a bordunadas, dois padres da Missão Salesiana, os sacerdotes Pedro Sacilotti e João Fucks, quando procuravam fazer a sua catequese. Mas o nosso desejo de desaparecer da civilização tirava o medo de qualquer peripécia da vida. E foi assim que, com a presença apenas de Deus, fomos felizes durante toda a viagem; vendo, a cada instante, aldeias abandonadas, talvez pelos índios a nos perceberem muitas vezes nos vigiando aqui, ali e acolá, acendendo fogo para marcarem sua presença.

Mesmo assim, desconhecíamos o perigo que estávamos enfrentando. Dessa forma, viajamos 13 dias rio abaixo, até alcançarmos as barrancas de outro rio que desaguava no Rio das Mortes e por esse outro subimos três dias de viagem. Já exaustos e cansados, encontramos um arrojado fazendeiro localizado em uma barreira que ele denominou “Barreira do Inferno”.

Ali, ficamos a tarde do dia e o pernoite, para, no dia seguinte, seguirmos a viagem inédita e sem destino. Conversando com o morador, este nos ofereceu a casa de sua propriedade, com 200 reses de criar e quatro cavalos, tudo por 300 contos de réis. Achei que aquele local seria magnífico e ideal para nosso esconderijo, principalmente tendo com que viver.

Faltava-nos, porém, saber como seria feito o suprimento de víveres, remédios ou outras necessidades; ao que o fazendeiro nos informou que de 60 em 60 dias passava ali um barqueiro comprando peles silvestres, vendendo bebidas, víveres e às vezes comprando gado. Dessa forma o suprimento de sal, café, querosene, fósforos, remédios etc., era encomendado ao mesmo.

Compramos a moradia com a condição de ficar conosco, provisoriamente, um vaqueiro que ali morava e ajudava o fazendeiro.

Naquele local, moramos sete anos seguidos, num verdadeiro paraíso, pois desconhecíamos todas as novidades e nada sabíamos. Até a noção do tempo foi perdida, pois não tinha folhinha, nem rádio, nem outro qualquer veículo de notícia que não fosse a passagem do barqueiro.

Ali nasceram dois frutos da nossa vida, uma linda garota e um pimpolho robusto, que eram a nossa distração.

Certo dia, Luciana que já conhecia Xavantina, resolver ir até a vila para comprar suprimentos que ele não trouxera e procurar vender uns garrotes de nossas vacas.

Na vila, Luciana encontrou-se com o senhor fazendo alistamento e propaganda eleitoral para sua campanha a Deputado Estadual. Ficou sua admiradora pelo tratamento dispensado a ela, e, talvez porque o senhor houvesse encontrado nela uma possível eleitora, orientou-a a alistar-se, tendo ela respondido que não dispunha de documentos.

Ao que o senhor lhe facilitou meios de registro para fins eleitorais e pelos quais ela foi denominada Luciana – e que ela substituíra nas declarações toda a linha paternal, usando apenas os nomes de sua mãe que ela muito prezava.

Foi providenciada também carteira de identidade, bem como os demais documentos necessários.

Naquela viagem, Luciana conheceu uma senhora, comerciante, apelidada de Doninha, que residia em Xavantina há muitos anos. Pelos sotaques da palestra, se tornaram amigas e concluíram serem conterrâneas. Aquela senhora dizia ser de Belém e havia estudado no Colégio Nossa Senhora das Graças, o mesmo em que Luciana havia estudado. Disse ter sido colega de uma moça da qual Luciana fora colega e confidente; informara que naquele mês iria a Belém assistir aos Círios de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira daquela capital, e, ao mesmo tempo, visitar seus familiares.

Propôs-se a levar qualquer correspondência de Luciana para Belém.

## **Descoberta do esconderijo**

Luciana resolveu escrever à sua colega e amiga da portadora contando todos os lances de sua vida, desde o dia que nos encontramos, da nossa vivência e do meu passado, bem como tudo que acontecera com ela, desde o dia que seu pai a deixou no lupanar em que ela se encontrara comigo. Falou do nascimento de nossos filhos e pedia notícias de sua inesquecível mãe, pessoa com quem ela ainda sonhava constantemente, e tinha até sonhos desesperadores.

A carta foi levada de mão própria, com a condição de resposta também pela mesma portadora, sendo que ficara combinado que na época das eleições receberia a resposta da carta da amiga.

No dia da eleição, foi Luciana para votar em Xavantina; o seu maior interesse era a resposta e notícias de sua mãe, fato que eu desconhecia. Ali, ela votou no senhor e seus candidatos, pelo fato naturalmente de haver-se interessado pela documentação.

## A resposta

Pela sua conterrânea, ao regressar de Belém, veio a resposta esperada, não de sua amiga e ex-colega, porém de seu rancoroso e carrasco pai.

A carta de Luciana à sua colega fora às mãos de sua mãe que, já velha, não se conformava em haver a única filha desaparecido por mais de sete anos, e sem notícias, a quem já julgavam sem vida.

Na carta de resposta, o velho fazia apelos dramáticos com remorsos de consciência e implorava da filha sua volta ao lar paterno. Dizia que estava a par do acontecimento com ela, através da carta enviada à sua amiga, entretanto desconhecia do seu companheiro, se este tinha situação que lhe permitisse casamento, e que se houvesse essa possibilidade seria feita a legalização matrimonial. E se ele não tivesse situação desembaraçada, que em Belém seria sepultado o segredo daquela aliança ilegal. Entretanto, implorava sua volta, com ou sem o seu companheiro. Porém, que lhe levasse os seus netos para conhecerem a avó que estava nos últimos anos de vida, e ainda fazia promessas para rever a sua filha.

Voltando das eleições, cabisbaixa e, dia a dia, mais triste e desolada, desgostosa da vida, trazendo apreensão, julguei que ela houvesse se prevaricado ao conhecer outros homens nas andanças por Xavantina, e quis investigá-la. Foi então que ela contou-me o que havia ocorrido, e me mostrou a carta que recebera de seu pai implorando e suplicando o seu regresso no fim da vida de sua mãe, pessoa que Luciana jamais esquecia na vida e por quem rezava todas as noites.

## ***Descoberta do esconderijo***

Diante da contingência de haver Luciana revelado um segredo que jamais pretendíamos que fosse descoberto, e temendo as consequências de um reconhecimento através dos credores sobre o nosso esconderijo, pedi a ela que fizesse uma carta à minha esposa que se encontrava em Piacá; que nessa carta narrasse todos os lances acontecidos conosco; desde o dia em que deliberei tomar a atitude de esconder-me, contasse o ocorrido que me levou a conhecê-la, bem assim a infelicidade que havia se apossado de nossas vidas, solicitasse e auscultasse a possibilidade de devolução de minha pessoa ao lar antigo caso não houvesse problema de ordem de condenação da justiça. Falasse do seu desejo, que se apossara dela, de regressar ao lar de seus pais; dissesse principalmente que da nossa união havíamos gerado dois frutos, os nossos filhos.

Tudo foi feito através de uma carta que passaremos a narrar:

### ***A carta à esposa***

Esconderijo de Xavantina

Barreira do Inferno, 31/01/1963

Senhora Marilda,

Piacá - Goiás

A presente é para expor-lhe um drama ocorrido num palco e encenado tendo seu epílogo às margens do Rio das Mortes. Esse drama teve como primeiro ato a sua cidade, sendo personagens: a senhora, seu marido e seus filhos. Durante o encenar, cresceram-se como personagens: meus pais, eu e dois inocentes que não deviam ter vindo ao mundo e que não são responsáveis pelo seu passado incógnito.

Naturalmente, a senhora já deve ter percebido que seu marido pretende voltar ao lar antigo. Tivemos uma convivência de sete anos e dela nasceram dois inocentes, uma menina que tem a aparência de meus familiares e um menino que ele diz parecer com o seu filho. Conhecemo-nos num lugar onde ele e eu procurávamos a morte para refúgio de um passado negro e inconfessável. Sua presença me evitou um suicídio e a minha, a ele, um maior equilíbrio mental. Hoje, de comum acordo, resolvemos, eu regressar à casa dos meus pais e ele a seu lar antigo.

Confesso que na convivência e na compreensão que mantivemos durante sete anos e a duração da luta pela sobrevivência, tivemos amor e afeto um ao outro. Sinto que ele irá fazer falta à minha vida, entretanto, reconheço que jamais poderei possuí-lo legalmente. Hoje ele deseja voltar a rever os filhos e os seus, bem assim como aos amigos e haveres que possuía, a terra em que morou e da qual traz indelével recordação.

Por isso é que pergunto à senhora se ainda deseja possuir o seu marido. Devolvo-o, com mais juízo, mais experiência e até mesmo mais equilíbrio mental.

Sua preocupação maior são os débitos que ficaram por saldar, dos quais ele pede notícias. Se a senhora não desejar recebê-lo, pode ser franca, já convivemos sete anos, poderemos viver mais, até o fim da vida. Somos ignorados pelo mundo. Apesar de haverem descoberto o nosso esconderijo, não implica na condição de procurarmos outro. Já tenho um novo documento com nome fictício. Iremos tentar arranjar um para ele da mesma forma, assim, clandestinamente, poderemos nos unir por um casamento em qualquer país da América do Sul, ou mesmo neste Brasil tão grande e desconhecido.

Ele pede notícias dos filhos, dos negócios, dos haveres e da sua pessoa.

Aguardamos a resposta desta missiva para um novo rumo de vida que devemos tomar. O portador desta irá levá-la com a condição de trazer a resposta pessoalmente.

Nossos respeitos, Luciana

Após 36 dias decorridos da remessa da carta, volta o portador, que não se encontrara com a destinatária em Piacá, mas sim em Porto Nacional, pelas notícias que recebera de sua transferência de residência. Vejamos a resposta de que o mesmo foi portador.

## ***A resposta***

Porto Nacional, 6 de março de 1963

Intitulada Luciana:

Pela insistência quase intolerável do portador, e pela educação de berço, levo a resposta à sua romântica lengalenga.

Supus que seu amante e meu ex-marido não fosse tão cínico como demonstra, depois de uma covardia grotesca ao ponto de correr das responsabilidades que assumiu com o casamento, com o motivo de ter trazido ao mundo quatro descendentes, correr também da responsabilidade de saldar compromissos de dívidas criadas por vaidades e cujo produto gastara com orgias e bacanais.

Foi covarde, furbesco e além do mais irresponsável, e sobretudo mau, me deixando sem lar, sem recursos, sem meios de criar os filhos que gerou. O Banco, em leilão, liquidou tudo que possuíamos. Fazenda, casa, propriedades, utensílios domésticos, máquina de costura, fogão, geladeira, radiola e móveis.

Fui para o olho da rua com quatro infelizes menores sem saber trabalhar e inexperiente, pois confiava nele para os negócios do lar.

Fui forçada a enfrentar serviços de criada doméstica. Coisa que jamais supus necessário, diante da criação e educação que recebi dos meus pais, e bem assim da vida que levava como casada.

Como esposo, odeio-o e tenho-lhe nojo, como homem foi um grande covarde, como pai de família, indesejável. Não pretendo revê-lo. Entretanto, não posso impedir que retorne. No meu lar jamais terá lugar para indivíduos dessa espécie. Porém, se ele resolveu adaptar-se a uma vida de figura decorativa, viver como retrato, para os filhos que lamentam a falta do pai, pode vir para a cidade onde eles moram; como marido, nunca mais precisarei, pois já aprendi a trabalhar para ganhar sustento meu, dos que ele trouxe ao mundo como nossos filhos.

Hoje, tenho um pensionato de estudantes femininas que me dão até alegrias para enfrentar a vida.

A filha mais velha, Martinha, casou-se em 1958 com o advogado Dr. Alberto Nunes, hoje Secretário de Justiça do Estado do Maranhão.

A outra, mais nova, Lúcia, é noiva de um Engenheiro do DERGO – Departamento de Estradas do Estado de Goiás, Dr. Ney Rassi, devendo casar-se no fim deste ano. O filho que ele deixou com 12 anos, Pedro, que sempre teve as inclinações perdulárias do pai, em uma festa de roça recebeu um tiro na espinha dorsal, hoje é paralítico dos membros inferiores, vive numa cadeira de rodas.

O caçula, meu querido Mário Hildo, está terminando o ginásio e é a minha esperança. Parece que será o meu arrimo na velhice, se Deus assim o permitir.

Admiro o cinismo de seu amante, depois de criar todo esse quadro

dantesco e tétrico na vida de certas criaturas, hoje atrever-se a fazer romances mirabolantes como fita de cinema.

Devia ter vergonha e hombridade, respeitar a desdita e infelicidade de outrem, vergonha até de seu papel infame que ele, hoje, procura enobrecer.

A cidade é grande, não posso impedir seu regresso, não pretendo voltar ao assunto.

Queiram esquecer-me.

Marilda

## Epílogo

Assim, meu prezado Deputado: diante da situação criada e com o aparecimento de nossas pessoas, hoje vivo com esse drama de consciência.

Sem esconderijo, porque Luciana descobriu o nosso; sem abrigo, porque ela retornou à casa dos seus pais, não suponho revê-la e acredito que ela não me aceitará hoje, com as circunstâncias criadas; sem lar, porque minha ex-esposa não pretende me aceitar e já não tenho coragem ou condição de construir outro; sem nome, porque sou um vulgar infame, indigno do nome que possuía antes de tão tenebrosa estória.

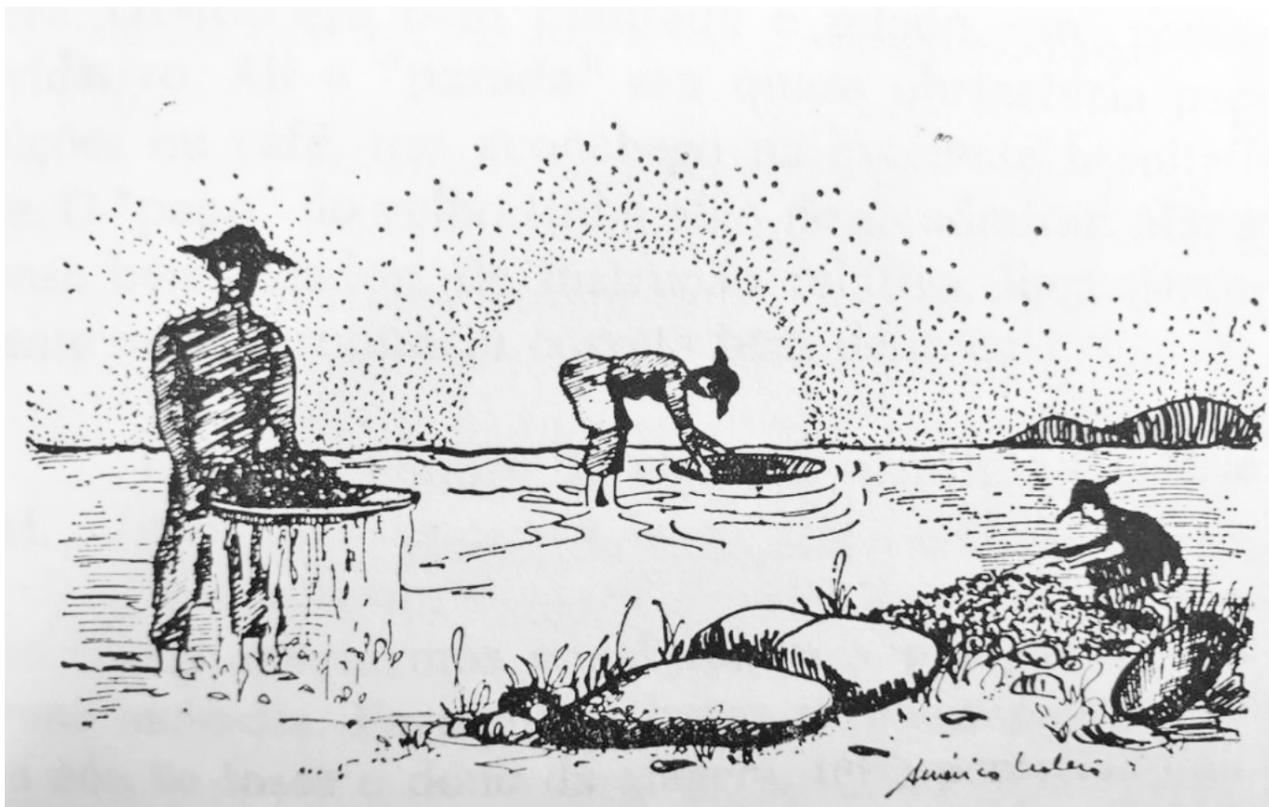
Por isso que lhe disse: ***“Não sou; já fui Geminiano”***.

# Bastião, o garimpeiro

## *Vida do garimpo*

*(conto popular)*

Dr. Florisvaldo Flores  
Publicado na Revista GAZITA



Bastião Magro, mesmo desgastado pelo tempo, era uma figura esguia, comprida, encurvada, mastigada pelas agruras de uma velhice sofrida e pobre, mas guardando ainda uma ponta inescandível da arrogância soberana que marca estes históricos garimpeiros, pioneiros de ferro do leste mato-grossense.

Vivera sempre só, ninguém ao certo sabe de onde teria vindo e não eram poucos os que diziam ser ele um remanescente solitário de um bando de cangaceiros do Lampião, provavelmente do sertão da Paraíba.

Quando alguém mais afoito perguntava, ele desconversava e ria um riso orgulhoso que deixava muita dúvida no ar:

– Que nada, seu moço, sou de paz, eu vim foi do oco do pau.

Eu o conheci enganchado de cima de uma muleta, arrastando de uma perna com uma enorme ferida, isto em 1940, quando chegamos da Bahia e fomos morar numa casa próxima da sua.

Ele passava grande parte do tempo sentado debaixo de um velho tamarineiro que ficava plantado no eitão de sua casa.

Disse ele:

– Dinheiro mesmo era naquele tempo, menino... quando nos cabarés se forrava o chão com notas de 500 mil-réis. Em 1919 peguei uma pedra tão grande que nem sei quantos quilates tinha; só sei mesmo que deu pra sustentar a raparigada quase quatro meses. Mandeí fechar o Cabaré do Vitorino Gago por uma semana na corrutela do Biongo, mandei buscar o sanfoneiro da corrutela do Estrela e fiz a maior festa, sem ninguém pagar nada. Nesse tempo resolvi um dia treinar tiro nas garrafas do bolicho do Bernardo Cumieira: quebrei tudo, mas paguei; naquele tempo ninguém dava prejuízo. Mas o pior é que a notícia correu até na corrutela do Café onde estava destacado um tal de Cabo Ventura, valente como o diabo, um acalenta-menino. E quando descobriram a mancha do Potreiro, eu fui pra lá e o diabo do Cabo Ventura soube e disse que ia me prender, amarrar no mourão e me fazer arrancar malva na rua, que era a maior desmoralização que um garimpeiro podia sofrer. Amarrei dois 38 na cintura, entupi de balas a cartucheira e mandei dizer pra ele que estava esperando no Cabaré da Zulmirona, que era sua enrabichada.

– Ocê foi lá?...

Assim foi ele. Se mandou pro Lajeado dizendo que tava com maleita.

Eu, pra não perder tempo, amiguei com a Zulmirona.

– Vai lá dentro buscar um tição de fogo pra mim acender o paieiro que apagou.

E a gente ia correndo ansioso para voltar e continuar ouvindo as maravilhosas estórias do Bastião Magro, seus bamburros, suas valentias e suas mulheres...

– Lá pelas bandas de 1923, quando isto aqui ainda não era cidade, e só tinha alguns ranchos, nós descobrimos diamantes que ali no Lajeadozinho; até quando arrancava macega, eles croavam. Mas diamante mesmo era no Rio do Bandeira: a gente enchia xícara. E, como era perto, mal o sol ia descambando pra detrás do mato, a garimpeirada caía na estrada pra vender a partida e de noite rustir na dança e na cerveja no Cabaré da Rua do Goiás. O que tinha de mulher bonita ali não tá na conta, rasgando seda e água de cheiro do mais caro.

– Morria muita gente matada, era perigoso pra chuchu, porque a soldadama só andava de fuzil nas patrulhas; a garimpeirada dizia sempre que tiro trocado não doía.

– É... Morro de saudade daquele tempo. Dava muito cabra-macho que não comia nada amanhecido. Trocava tiro até derreter o cano do 38, mas não entregava prisão. Hoje tá tudo civilizado, tem delegado, promotor, juiz, e fica tudo na base da papelada do processo. Não tem mais homem valente, garimpeiro perdeu a vergonha. Já vi aqui nesta rua, ali em frente à Loja do Pombo, soldado batendo de borracha num garimpeiro do Domingo. Naquele tempo, garimpeiro não apanhava de soldado. Se apanhasse, enchia o embornal de farofa, amarelava a goiaca de balas e no outro dia o bruto amanhecia com a boca cheia de formiga. A gente era dono de tudo; hoje, fazendeiro manda nas beiras dos rios e nos monchões. Mulher bonita da casa da Maria Quixaba

não chega mais pra bico de garimpeiro que só anda blefado, mais limpo do que bunda de santo. Tudo agora é pra caixeiro-viajante, capangueiro e chofer de caminhão que é gente da linha. Garimpeiro só pega mesmo é bucho desdentado de cabaré nas corrutela.

– E o pior mesmo é que já tem muito garimpeiro aí, sendo cafuçu, derrubando pau pra fazer roça e enricar fazendeiro. Até os chefes d’agora não são como antigamente. Chefe mesmo era como Gabriel Ferreira, irmão do Pedrinho Ferreira, aquele que é dono da Casa Ferreira. Cansou de botar delegado pra correr daqui e recolher os graúdos de Cuiabá. Agora, quem tinha mais dinheiro do que folha de pau eram os Pires Lopes, que compravam todo o diamante daqui. Rico também era o Galdino do Cassununga e Carlindo do Tesouro, sem falar do Cajango Velho, que era dono de todas as terras onde tinha os garimpos. Nunca mexeu com garimpo, mas também nunca atrapalhou ninguém garimpar. Que Deus lhe ponha num bom lugar.

– Meu último bamburro (e falava com uma profunda ponta de tristeza) foi em 1931.... Quatrocentos contos de réis. Vivi como um príncipe da corrutela do Biongo até o Estrela, amiguei com tudo quanto foi rapariga bonita, botei ouro em tudo quanto foi dente, cheguei a ter seis revólveres Colt Cavalinho e, se não fosse uma paraguaia que eu conheci e levou o meu dinheiro todo, fugindo com um caixeiro que vendia remédio, hoje eu tinha muita casa de aluguel aqui e não tava nesta pindaíba danada.

– Tem nada não!... Mesmo assim, fico satisfeito, porque rapariga chorosa como a desgraça daquela paraguaia eu nunca vi nesta minha vida.

– Só carrego uma alegria que vai pro buraco comigo: nunca trabalhei de cafuçu, mesmo com esta perna perrengada da moléstia, posso até passar fome, mas não derrubo pau na roça sendo criado do fazendeiro.

– Se eu pudesse andar a pé, ia parar na Raizinha, pois ouvi ainda ontem na Loja do Juvino Lopes que lá tá dando diamante como o diabo.

– Mas cadê saúde?

– É... Mas pobre eu tenho certeza que não vou morrer não.

– Tá vendo aquele embornal pendurado ali dentro?

– Tem guardado um picuá de imbé grosso, pra encher até a tampa, no dia que eu achar a garrafinha de diamantes que o Gringo enterrou antes de morrer na revolta do Carvalhinho lá no cocuruto do Morro D'Arnico na estrada do Tesouro. Já sonhei duas vezes com ele. Eu sei que ela está enterrada nesta beira do Lajeado, lá pras bandas da Usina, onde toda semana eu vou buscar doradinha e casca de timbó pra lavar a perna.

Sonhando com um mundo que já não existia mais, a não ser na sua lembrança de cultor de sonhos, Bastião Magro contou-me muitas histórias do seu tempo. Através dele, comecei a conhecer o mundo fantástico do garimpo onde passei toda minha infância ao lado de meu pai, um desses garimpeiros históricos, que viveu a vida toda desenterrando ilusões, ao lado de uma legião de outros sonhadores que, vindos de todas as partes do país, aqui desbravaram todos os caminhos do leste de Mato Grosso.

Pelo que sei, Bastião Magro levou para o túmulo seus sonhos, suas glórias de grande bamburrador e a esperança da garrafa de diamantes do Gringo, que ainda hoje alenta as noites pobres de velhos garimpeiros, espécimes derradeiras desta geração de semideuses que a epopeia do garimpo criou.

# Cego Marculino

*(Conto regional)*

**Valdon Varjão**

Lá pelas bandas de Água Bonita, fazendeiro Ananias Junqueira possuía grandes propriedades, era fortuna de fazer inveja, muitas mil vacas, lavouras “à beça”, enfim, um patrimônio dos mais valiosos da época.

Gostava de fazer pagodes na fazenda, que eram tocados na sanfona “pé de bode”, pelo cego Marculino, músico cego de um olho, metido a bonito e até a conquistador, por ser o melhor sanfoneiro daquelas bandas.

Certa oportunidade morreu a esposa do velho Ananias Junqueira. O casal tinha três filhos (Justo, Anastácio e Aniceto) que tomavam conta das fazendas. Todos analfabetos como nasceram, o velho só se incomodava em aumentar o patrimônio e dizia que os filhos eram para trabalhar.

Alguns anos se passaram e o velho resolveu casar-se novamente. Chamou o cego Marculino e lhe disse: “Veja se você me arranja uma noiva; preciso casar, já que não aguento mais esta vida de viúvo e de viver só”.

O cego, que era muito conhecido na área de Diamantino, Quebradente, São José e Boca Pra Riba, começou a cortejar todas as moças casadeiras

que via: “Você não deseja casar-se com o seu Ananias Junqueira? Aquele velho fazendeiro rico, lá de Água Bonita?”.

De pergunta em pergunta, aqui, ali e acolá, encontrou a professorinha Judite, moça prendada, inteligente e bonita, porém já meio coroa, que era professora lá do Quebradente. Disse ela: “Se o velho quiser casar comigo, eu aceito, mas tenho medo que ele não aceite, porque um de seus filhos já quis casar comigo e eu não aceitei naquele tempo, quando ainda era mocinha, muito jovem”.

O cego Marculinoretrucou: “Não perca esta oportunidade, menina; você precisa pensar no futuro seu e de seus familiares, é um bom partido. Amanhã mesmo vou à fazenda dele falar da sua pessoa, entretanto, se você tiver alguma coisa a pedir, faça antes do casamento”.

Judite pensou e disse: “A única coisa que temia seria ser obrigada a viver na fazenda; se ele quiser casar comigo, vai ter que passar a morar em Balizinha. Para a fazenda eu não vou, tenho medo de não combinar com os filhos dele, principalmente o Justo, que é muito ignorante e valente”.

Justo, como era conhecido Justiniano, filho mais velho de Ananias, era quem comandava os negócios das fazendas e em quem o velho mais tinha confiança.

Apalavrado, o velho Ananias aceitou e achou extraordinária a noiva, ficando já loucamente apaixonado, procurando catequizar e conquistar a nova pretendente. Comprou logo uma mansão em Balizinha e encheu a moça de presentes caros, que adquiriu nas lojas do sírio Félix Bitar ou João Borges de Castro.

Aceitou sem restrições todas as exigências da moça, mas demorou a falar com os filhos, que quando ficaram cientes se aborreceram com a paixão do velho e mandaram avisar à moça que ela largasse o pai, já que era muito falada e sem-vergonha. Muitos falavam dela com o

cego Marculino, mas era por intermédio daquele que o velho Ananias se correspondia com a Judite.

Justo, então, manda dizer ao cego que ele parasse de alcovitar rapariga para seu pai, se não, ele iria se dar muito mal.

O velho Ananias não se incomodou com as ameaças dos filhos e procedeu-se ao casamento.

Passara-se a lua de mel do velho em verdadeiro paraíso, a moça era prendada, elegante e soube bem cativar com carinhos e apreços o marido fazendeiro que passou a ter vida bem melhor, casa condigna e bem apresentável, com os recursos de que era possuidor.

Veio a gravidez da jovem esposa, completamente ignorada pelos filhos nas fazendas, até que certo dia do mês de dezembro nasce o rebento, um bonito garotão, muito parecido com o velho, que apesar de idoso era de bonita figura torena, olhos azuis e pele bem clara.

O velho pensando que, talvez, com o nascimento do novo filho, os outros aceitassem, sem restrições o seu casamento, fez uma carta e mandou a Justo na fazenda, por um portador que designou, decretadamente, levar a nova e alvissareira notícia.

Justo recebeu a carta do velho no lusco-fusco do dia; acendeu uma lamparina que a luz bruxuleava e tentou soletrar alguns nomes. Mas, não sabendo ler direito a correspondência, bruscamente pede ao vaqueiro Canuto que leia a carta de seu pai.

O vaqueiro, também semianalfabeto, procura soletrar as letras e vai gaguejadamente lendo. Em certo trecho disse: “Meu filho Justo, quero lhe avisar que Judite deu à luz um filho do cego Marculino”.

Justo, acrescentando ao seu inconformismo a revolta, bradou: “Viu! A desgraça está feita: meu pai foi casar com aquela rapariga e agora além de lhe pôr chifre, ainda vai parir um filho do cego Marculino”.

– Vai, Canuto, na fazenda de Anastácio e do Aniceto e diga a eles que preciso de um capanga para, hoje à noite, irmos a Balizinha matar aquele cego miserável.

A chuva caía com muita intensidade, pois era mês de inverno. O vaqueiro vai à outra fazenda, que ficava a umas duas léguas, e leva a nova em que o Justo pede o capanga para matar o cego Marculino.

Ainda naquela noite, Justo, Anastácio, Aniceto e o capanga se dirigiram para Balizinha, que ficava a 6 léguas distante da fazenda. Confabulavam pela estrada: “Vamos matar o cego e dar uma pisa naquela rapariga, sem que nosso pai venha a saber”.

Ao amanhecer, chegaram na periferia urbana de Balizinha e entraram no primeiro boteco que encontraram aberto, para tomar uma pinga e abrandar o frio daquela noite que passaram viajando a cavalo, debaixo das capas Ideal e com as carabinas a tiracolo.

O botequeiro era muito amigo do velho e dos filhos, e sua mulher tinha sido colega de Judite, a nova esposa de Ananias, e chamando a mulher disse: “Rosa, acorda e vem passar um café para Justo, Anastácio e Aniceto, pois eles amanheceram viajando a cavalo, sem parar, estão com muito frio e um café bem quente lhes faria bem”.

Virou-se para Justo e perguntou:

– Que novidade, você tão cedo por aqui?

Justo arranca do embornal a carta do velho e diz:

– Leia isto, veja como a desgraça entra na vida da gente sem a gente procurar por ela. Eu falei mil vezes para meu pai não casar com aquela rapariga; o velho desobedeceu e agora ele está sendo corneado. Ainda por cima de tudo, ela teve um filho do cego Marculino.

– Mas... Aliás, ontem estive com seu pai que está muito contente com

o nascimento do novo rebento, um bonito garotão, forte e robusto!...

O botequeiro leu e releu a carta e disse:

– Não vejo nada disso aqui. Aqui na carta ele lhe informa que Judite deu à luz um filho do sexo masculino.

Justo pergunta:

– Que diabo é sexo masculino?

O botequeiro respondeu:

– Sexo masculino é ter um filho homem; se fosse mulher, era do sexo feminino.

– Eu entendi que ele dizia que era do cego Marculino, um alcoviteiro muito do sem-vergonha!...

O botequeiro então esclarece:

– Você leu errado: é sexo e não cego, como você entendeu.

Justo vira-se para Aniceto e diz:

– Tá vendo, meus irmãos, que vergonha nós passamos! Eu já estava com tanta raiva daquele cego que até ia lamber a faca quando sangrasse aquele infeliz.

Do mesmo boteco voltam os irmãos analfabetos para as fazendas e aos poucos se acalmam. Hoje são, até, mais admiradores de Judite e do irmão do que o próprio velho.

*Aliás, sobre o analfabetismo de Anastácio, conta-se um fato engraçado. Sendo ele testemunha de um casamento importante, a tabeliã o chamou para deixar sua assinatura no Livro Próprio do Cartório para comprovar a sua presença no ato, com todas as demais testemunhas e convidados. Anastácio, usando uns óculos Ray-Ban maiores que sua cara, pega a caneta, rodopia na margem da linha do livro, e sem encostar no papel soletrou:*

– “a-ene-a, a-ene, a-ene-a-na”.

*E para por alguns instantes, olhando de soslaio para os presentes. Volta a soletrar:*

– “a-ene-a, a-ene-a-na”.

*Foi quando um gaiato, de fora, completou:*

– “a.ene.al.na.efe.a.fa.be.é.bé.te.oto – analfabeto”.

*Ele cinicamente confirmou: “Isto mesmo, obrigado”.*

São histórias que o cotidiano nos conta.

## QUINTA PARTE

# Poemas e Versos

## *Recordando a infância*



Emigrante do Nordeste, vivia infância dos 4 aos 16 anos na cidadezinha de BALISA, da qual guardo grandes recordações.

Publiquei um livro: BALISA – ETÉREAS REMINISCÊNCIAS, no qual falo da infância com os seguintes versos:

### **MINHA VIDA MENINIL – em Balisa**

*Como eu era feliz  
Naquela vida de paz  
Na idade adolescente,  
Que os anos não trazem mais.*

*Não pensava no futuro,  
Pobreza não deixa herança,  
Hoje, mesmo abastado,  
Preferia ser aquela criança.  
Sem futuro e sem poupança,  
Vivia uma vida feliz,  
De alfaiate ou sapateiro  
Tentava ser aprendiz.*

*Pescar, nadar e correr,  
Constituía meu mundo  
Amava os passarinhos,  
Fui primeiro sem segundo.  
Respeitava os animaizinhos,  
Suas vidas indefesas.  
Preservava os verdes matos  
Dessa linda natureza.*

*Com meus pés descalços e tronco nu,  
Não invejava bem-vestidos,  
Desafiava poluição  
Ar, espaço e folhas verdes,  
Plantar, regar e colher,  
Catar frutos silvestres  
Era todo o meu viver.*

*Apesar de meus pais pobres,  
Vivia sem egoísmo,  
Sem inveja e sem maldade,  
Sem motejo e sem golpismo,  
Com a pele bronzeada,  
Pelo sol causticante,  
Esbelto, versátil e ágil,  
Era um menino elegante.*

*Remar no Araguaia,  
Era um dos meus brinquedos  
Cantar bumba-meu-boi,  
Jogar peladas em folguedos.  
Tudo isso era meu mundo,*

*Um soldado sem quartel,  
Nunca tive algum brinquedo,  
Dado por Papai Noel.*

*O Pai era um pobre Ferreiro,  
Lutava na profissão;  
A mãe, uma abnegada,  
Na luta do ganha-pão  
Assim vivi na infância,  
Sem cultura e pouca escola,  
Andando de-déu-em-déu,  
Até virar rapazola.  
Oh!... Que saudades que restam  
Daquela infância vulgar,  
Menino sem eira e sem beira,  
Nascido para lutar.*

*(Publicado no livro: Balisa - Etéreas Reminiscências)*

# Recordando peraltagem meninil



*RECORDO o pátio  
Da Igreja Matriz  
Das beiras do rio  
Do pedral do porto,  
Da garotada  
A jogar bolinhas,  
Dos professores  
Alguns hoje mortos.*

*RECORDO as praias  
Com melancia  
Do "Zé Pretinho"  
Ou "Gidinho Cebola"  
Recordo as frutas  
Daqueles quintais  
Do "Seo Cacildo"  
Da "Dona Rola".*

*RECORDO as brigas  
Nas touradas ou circos  
Com os subservientes  
Querendo me barrar.  
Às vezes aflito,  
Ou xingando aos gritos  
Moleques indecentes  
Deixem-me entrar.*

*RECORDO os banhos  
Lá em Dona Brígida  
Numa bica rota  
Até popular  
Velha manceba  
Alegre, divertida  
Quantas carreiras  
Que levei de lá.*

*RECORDO a escola  
Pobre e mesquinha  
Daquele professor  
De assustador pigarro  
Tinha palmatória  
Amarrada em linha  
Com quanto medo!...  
Ainda hoje narro.*

*RECORDO a "Bandinha"  
De um instrumental chique!...  
Ela sempre animava*

*Nossos festivais.  
Festas de casamentos  
Ou de piqueniques  
De alvoradas  
E de carnavais.*

*As festas de Momo  
Eram sem fantasias,  
Muita alegria,  
Com o povo a pular,  
Viva "Zé Pereira"  
Muitos mascarados  
Não havia "drogados"  
Não brincavam "tarados"*

*Nos fins de ano  
Havia folias,  
Roubos de judas  
Nas Semanas Santas.  
Quantos folguedos!  
Quanta alegria!  
Todos vestiam  
Com trajes pilantras.*

*RECORDO da infância  
Ora alegre, ora triste  
Recordo dos dias  
Que não voltam mais,  
Recordo os colegas  
Que não mais existem  
Recordo das lutas  
De meus pobres pais.*

*Em cada verso que escrevo  
Às vezes há segredos  
Que, com sutileza,  
Ao escritor satisfaz  
Revivendo saudades  
De alegrias ou medos  
De sucumbir, com enredos*

*Dos meus tristes ais!!!*

*O torrão do qual falo  
Que na infância vivi,  
Me traz certo embalo  
Que jamais resisti.  
Quero que quando morra  
Minha alma percorra  
E volte pachorra,  
Repousar por ali.*

**NOTA:**

Após as núpcias no ano de 1944, fui contratado pela Fundação Brasil Central para gerenciar o almoxarifado de Vale dos Sonhos, posto pioneiro fornecedor de gêneros alimentícios para a Expedição Roncador-Xingu, órgão da Marcha para o Oeste, responsável pela implantação de núcleos abertura de estradas para o desenvolvimento do Brasil Central.

Ali na época, só existia o posto de atendimento a empreiteiros, colonos e capatazes. Foi ali minha lua de mel, eu e Rosarina, nos primeiros dias de vida conjugal. Hoje, decorrido o 45º aniversário do casamento, dedico a ela, aos filhos, genros, noras, netos e bisnetos estas rimas.

- V. Varjão

# Meu Vale dos Sonhos no Vale dos Sonhos

*Faz muito tempo contado  
De um saudoso passado  
Que não me sai da lembrança,  
Aqueles dias felizes  
De duas vidas em matizes  
Num embriagar de esperanças.*

*Éramos moços; eu sentia,  
Na alma a poesia  
Do calor dos vinte anos,  
Julgávamos sempre estar perto  
Um mar de esperança por certo  
Sem pensar em desenganos.*

*Naquele Vale dos Sonhos  
Cercado de montes risonhos  
Com paisagem a florir,  
Era nosso mundo de encanto  
Andávamos por todos os cantos  
Só ansiando o porvir.*

*Passeávamos garbosos  
Com abraços amorosos  
Enfeitados de paixão,  
Foi assim nosso caminho  
Ela a me dar seu carinho  
Sua vida e seu coração.*

*ROSARINHA – o nome dela  
Nome que de mimo revela  
Numa alma plena de anseios,  
Que sem ser bela na essência  
Guardava na adolescência  
Muita graça e devaneios.*

*Naquele distante recanto  
Que nosso amor viveu tanto  
Quanto foi propiciado,  
Geramos um belo rebento  
Que foi nosso acalento  
Ver nascer e ser criado.*

*Às sombras de frondosos  
arbustos  
Só se ouvia com algum custo  
As folhas secas dar estalos,  
Eu e ela em confidências  
Vivia na adolescência  
“Curtindo” doces embalos.*

*Nas noites ao mirarmos  
estrelas  
(Como eu sorria em tê-la  
Era meu SUL e meu NORTE!)  
Minh'alma era sua escrava  
Às vezes eu a interrogava:  
Será sempre assim nossa sorte?*

*Mas ainda em juventude  
O destino cego e rude  
Nos conduziu a outros ares,  
Desde então acordamos  
dos sonhos  
Daquele vale risonho  
Das luas de mel, sem pares.*

*Da partida eu lembro ainda  
Foi numa tarde linda  
Como linda era nossa vida;  
Depois da enganosa mudança  
Me ficou sempre a lembrança  
Daquela vivenda florida.*

*Tudo passou, hoje é morto  
Agora com certo conforto  
Com riqueza e estultice,  
Para reviver aquelas horas  
Da vida que tivemos outrora  
Queria fugir da velhice.*

*Quem me dera a ROSARINHA  
Daquela vida que eu tinha  
Que já se foi e não volta,  
Hoje velhos sem encantos  
Vivemos em qualquer canto  
Se eu me amarro, ela solta.*

# Rio que decanta numa cidade que encanta

*(A NATUREZA PEDE SOCORRO)*

*Na foz deste inimitável rio...  
Antes calmo, hoje bravio,  
Não aquele brando cristalino e frio  
Saudoso, apaixonante que na infância vi.  
Era tão calmo, tão feliz, tão cheio de bonança.  
Que vezes dizia, ao ver-lhe as quietas águas...  
"Eis um trabalhador honesto que descansas,  
das lutas que mataram certas esperanças,  
Das realidades que guardam algumas mágoas",*

*Ele nasce saltando em cascatas,  
"Quimeras de espumas" a enfeitar seu leito...  
Repele no garganteado ameno de seu peito  
Protesto aos que depredam...  
Aos que lhe sangram,  
Roubando, às margens, lindas matas.*

*Primeiro murmurava. Agora canta e ri  
Das lutas, dos faustos, pompas e gozos...  
Vivera de garimpos, vezes a divertir,  
Dos trabalhos pesados, insanos, perigosos.  
Rememoro neste Rio indômito que aterra,  
Um coveiro sinistro e desumano,  
Levando no caudal milhões de pás de terra,  
Que atira à catacumba imensa do Oceano.*

*E que, com a mesma faina odiosa do coveiro,  
Será capaz até – o monstro – de levar  
O Continente inteiro;  
Para cobrir o túmulo do velho e Negro Mar.  
Tal a ruga feral da fronte ameaçadora  
Desse trabalhador, hércule, grave, mudo!..  
Que vai levando tudo,  
Numa insensibilidade aterradora  
Para que não sei; águas portadoras.*

## **O Rio**

*Sujo, revoltado, tétrico, sombrio,  
Veze tem uma face pavorosa...  
Mas, esse Rio enorme, sujo, mau e feio...  
Mal sabeis.  
Invejosas gentes sem pudor;  
Foi no passado causas de anseios.  
Foi, muitas vezes, palco de terror...*

*Talvez em noites esplêndidas de lua  
Quando muitos seres se apaixonam,  
Surgiu na margem,  
Elegante e nua,  
Uma cidade bela, meiga e risonha:  
Princesa de radiante formosura  
Qual seios – visão nas serras esplendorosas,  
Moça... de olhos verdes... langorosos.  
Margeada em barrancos com fissuras  
Das suas margens a urbe mais vistosa.*

*Oh!... Será ela Princesa encantada?...  
Motivando fogo e paixão,  
Na simplicidade de sua castidade.  
Talvez sim!...*

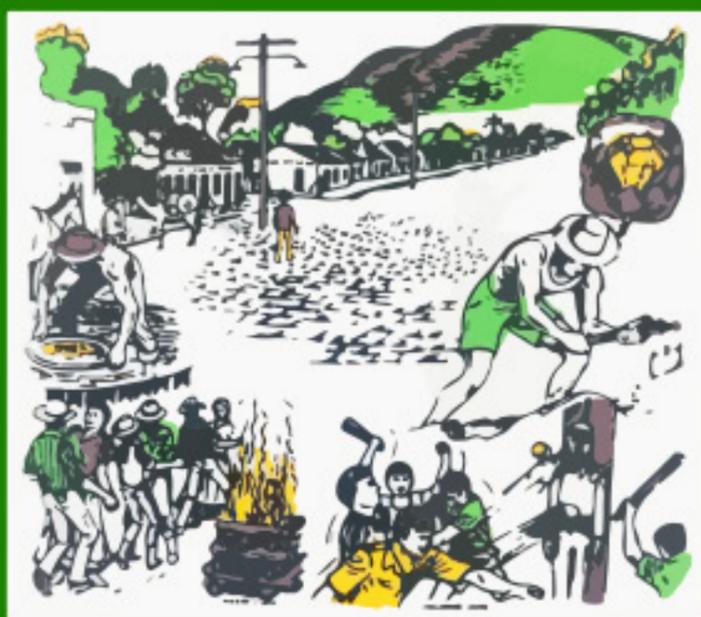
*Abraça a todos com lampejos  
Com carícia ardente demorada  
Qual musa, eterna namorada...  
A matar nossos insaciáveis desejos,  
Quero em ti cidade amiga, e companheira,  
Como recompensa do Mourejo,  
Minha esperada morada derradeira,  
Tendo assim completos meus almejos.*

***Barra do Garças é uma Criança;  
O Folclore são seus brinquedos;  
O Povo, com alegria,  
participa de seus folguedos***



**ACADEMIA**  
DE LETRAS, CULTURA E ARTES  
DO CENTRO-OESTE

# RAÍZES



**Valdon Varjão**

